

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CÂMBIO:  
Uma visão etnográfica sobre a prática esportiva adaptada  
para idosos, pautada pela competição.**

**Eduardo Hauser**

Porto Alegre  
Dezembro de 2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CÂMBIO:  
Uma visão etnográfica sobre a prática esportiva adaptada  
para idosos, pautada pela competição.**

**Eduardo Hauser**

Monografia apresentada a Faculdade de Educação Física como requisito parcial para conclusão do curso de Educação Física-Bacharelado, apresentada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação do Doutor Marco Paulo Stigger em Dezembro de 2013

Porto Alegre  
Dezembro 2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CÂMBIO:**

Uma visão etnográfica sobre a prática esportiva adaptada para idosos, pautada pela competição

Eduardo Hauser

Monografia aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ para obtenção do título de Bacharel em  
Educação Física

Banca Examinadora:

---

Marco Paulo Stigger

---

Avaliador:

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos participantes dos grupos investigados, por terem me aceitado e estarem sempre dispostos a contribuir para a minha pesquisa.

Agradeço ao Projeto CELARI por ter me ensinado o valor da Educação Física para o público Idoso. Em especial agradeço à Ms. Eliane Blessmann e à Prof. Dra. Andrea Kruger Gonçalves pelas oportunidades e ensinamentos neste projeto.

Agradeço à Ariane Dias Zabaleta, por ter me apresentado esta modalidade de trabalho e inspirado meu trabalho de conclusão com a sua dissertação de mestrado.

Agradeço ao Professor Stigger, pela oportunidade de realizar a pesquisa sob sua orientação. Agradeço a Raquel, por sempre ter colaborado com sugestões sobre para o desenvolvimento do meu trabalho.

Por fim, agradeço a todos os familiares e amigos pelo apoio, incentivo e compreensão durante toda a graduação, especialmente nesta etapa final. Em especial agradeço à minha irmã, por sempre ter sido um exemplo.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>10</b>
2.1 ENVELHECIMENTO .....	10
2.2 ESPORTE .....	15
2.2.1 COMPETIÇÃO.....	18
2.2.2 ESPORTES ADAPTADOS – CÂMBIO.....	20
<b>3. DEMARCAÇÃO DO ESTUDO .....</b>	<b>22</b>
<b>4. ETNOGRAFIA – A METODOLOGIA ESCOLHIDA .....</b>	<b>24</b>
<b>5. O JOGO DO CÂMBIO – AS REGRAS ‘OFICIAIS’ E ‘O QUE EU VI’ .....</b>	<b>28</b>
<b>6. GRUPOS INVESTIGADOS .....</b>	<b>31</b>
6.1 PARQUE ARARIGBÓIA – EQUIPE ‘SEM LIMITE’ .....	33
6.2 EQUIPE RAMIRO SOUTO .....	35
6.3 AS LIDERANÇAS.....	38
6.4 GRUPO OU GRUPOS INVESTIGADOS.....	40
<b>7. COMO OS IDOSOS VIVENCIAM O ESPORTE? .....</b>	<b>44</b>
7.1 O CÂMBIO COMO ESPORTE: UMA VISÃO AMPLIADA .....	45
7.2 O CÂMBIO VISTO ‘POR DENTRO’: A ‘GANGORRA DOS PARTICIPANTES’ .....	52
<b>8. O CÂMBIO E A SAÚDE DO IDOSO .....</b>	<b>55</b>
8.1 SAÚDE FÍSICA X ESPORTE-RENDIMENTO .....	55
8.2 ASPECTOS PSICOSSOCIAIS X ESPORTE-RENDIMENTO .....	59
8.3 O CÂMBIO E A SAÚDE DO IDOSO: CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	63
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>65</b>
<b>10. APÊNDICE .....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>69</b>

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Treino no Parque Ararigbóia.....	35
FIGURA 2: Treino no Parque Ramiro Souto .....	37
FIGURA 3: Jogos de Integração de Dois Irmãos .....	40
FIGURA 4: Gangorra do esporte elaborada por Silveira (2008).....	45

## RESUMO

A prática esportiva vem sendo considerada uma ferramenta importante para minimizar os efeitos negativos e maximizar os aspectos positivos decorrentes do envelhecimento e da aposentadoria. Para estimular a adesão por parte de idosos à prática de esportes surge a modalidade câmbio, uma adaptação do voleibol a qual tem motivado prefeituras, poder público e grupos de idosos a promover amistosos e torneios competitivos. O objetivo do trabalho foi conhecer a forma como idosos vivenciam essa prática esportiva, compreendendo como ela se insere na vida dos seus praticantes, e se relaciona com diferentes dimensões relacionadas ao processo de envelhecimento, dentre elas a saúde. Com isso, busco contribuir gerando conhecimentos que interessem aos profissionais de educação física e de outras áreas que atendam ao público idoso. Para tal, foi realizado um estudo etnográfico no contexto de dois grupos praticantes de câmbio na cidade de Porto Alegre. Como resultados, verificamos que, naqueles universos, o câmbio era vivenciado de diversas formas, em algumas situações vinculado a um caráter mais lúdico, voltado para o divertimento, e, em outras, com base numa conotação mais séria, pautada pelo resultado. Essa análise não pode ser generalizada no que se refere a outros grupos, nem a todos os integrantes dos grupos estudados. No contexto da saúde, ressalta-se a adaptação da modalidade para que, mesmo os idosos menos aptos a jogar, pudessem ter benefícios tanto físicos como psicológicos e sociais dessa prática corporal. Entretanto, alguns aspectos observados, principalmente voltados à busca do rendimento esportivo, se contradizem frente a esta lógica inicial.

## ABSTRACT

Sports practice has been considered an important tool to minimize the negative and maximize the positive aspects of the aging and retirement. To encourage adherence by seniors to sports was created Câmbio, an adaptation of volleyball which has motivated local governments, public authorities and elderly groups to promote friendly and competitive tournaments. The aim of this study was to know how the elderly experience in this sport practice, to understand how it fits into the lives of its participants and relates to different dimensions about the aging process, about their health. I hope to add generating knowledge that interest professionals in physical education and others that works with elderly people. For this study, I conducted an ethnographic study in the context of two groups of Câmbio participants in the city of Porto Alegre. As a result, I found that those universes, the Câmbio was experienced in different ways, in some cases in a more playful way, geared for fun, and in other cases, based on a more serious connotation, guided by the results . This analysis can't be generalized for other groups and not for all members of the groups investigated. About the health context, the attention is for the adaptation of the sport that was made to the elderly that was not usually able to play, could have benefits such as physical, psychological and social of this body practice. However, some aspects observed mostly related with sporting performance , do not cooperate to this.



## 1. INTRODUÇÃO

Para melhor explicar o presente trabalho, é importante mencionar o contexto em que ele surgiu. Durante três anos da minha graduação, trabalhei como voluntário em um evento com práticas esportivas adaptadas para idosos, denominado Jogos de integração do Idoso, na cidade de Tramandaí. Dentre elas, a prática com o maior número de adeptos e, naquele momento, a única a ter uma conotação competitiva era o câmbio, uma adaptação do voleibol para o público idoso.

Ao conhecer a competição e os idosos, muito me questionei à respeito de como eles vivenciavam o esporte. Ao presenciar as reações frente às vitórias, derrotas e as formas de sociabilidade dentro de seus grupos e com as outras equipes presentes, me questionava a respeito de quais os que faziam os idosos estarem ali presentes e como a competição era encarada nestes grupos.

Dessa forma, este trabalho tem por objetivo conhecer a forma como os idosos se organizam e vivenciam essa prática esportiva pautada pela competição, bem como a maneira como os aspectos relacionados à competição podem agir frente à saúde dos participantes.

Na busca das melhores respostas para as minhas inquietações, a metodologia escolhida foi do tipo etnográfica, visto que é composta por observação participante e entrevistas. A observação participante possibilitou-me que pudesse inserir-me nos grupos investigados, buscando compreender a lógica dos treinos e competições presenciados. Além disso, após ter minhas categorias de análises elaboradas, as questões que ainda me inquietavam pude esclarecer através das entrevistas, no período final da investigação.

Em relação à temática do trabalho, justifico ser de suma importância para a área da educação física por dois motivos principais. No primeiro destaco que assuntos referentes à modalidade câmbio e os aspectos relacionados à competição em idosos são escassos na literatura. Desta forma, com o aumento do número de adeptos da modalidade bem como em outros esportes competitivos para idosos, julgo que este trabalho possa contribuir para que estes temas sejam divulgados e explorados em meio

acadêmico. Além disso, cito a relevância de compreender a forma como os idosos vivenciam e encaram a modalidade para que profissionais de educação física, organizações de eventos e profissionais de outras áreas que trabalhem com a prática esportiva e/ou público idoso, possam compreender os significados atribuídos dos participantes para a prática esportiva em questão.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 ENVELHECIMENTO

O envelhecimento da população tem demandado a atenção de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Tendo como as principais causas o aumento da expectativa de vida, relacionado principalmente com o avanço da medicina e aliado a diminuição das taxas de fecundidade, muitos dos estudos sobre esta temática visam investigar aspectos relacionados à qualidade de vida da população desta faixa etária. Com o crescimento progressivo do número de idosos, o Brasil deve passar, no período de 1960 a 2025, da décima sexta para a sexta posição mundial em relação a esse contingente populacional (UCHÔA et al, 2002). Além disso, dados mais atuais mostram que a população idosa brasileira passou de 8,5% de idosos no Censo 2000 para 10,8% da população no Censo de 2010 (IBGE, 2010).

A partir disso, a demanda de serviços que atendam a este público também tem aumentado. A necessidade de profissionais de educação física para esta faixa etária cresce junto com este aumento de idosos na população. Segundo Deponti e Acosta (2010), ao realizarem uma pesquisa com idosos, estes consideram que para obter um envelhecimento saudável é necessário um equilíbrio ou uma combinação de múltiplos fatores, sejam de ordem biológica, psicológica ou social. Desta maneira, é importante citar as mudanças que ocorrem com o processo do envelhecimento e tratar sobre de que forma a atividade física pode corroborar para um envelhecimento bem-sucedido.

Em relação aos aspectos biológicos, o processo do envelhecimento provoca diversos efeitos deletérios no corpo humano, sendo a atividade física uma ótima estratégia para a prevenção destes acontecimentos. O envelhecimento é definido por Nahas (2006) como um processo gradual, universal e irreversível, provocando uma perda funcional progressiva no organismo. Esse processo é caracterizado por diversas alterações como a redução do equilíbrio e da mobilidade, das capacidades fisiológicas (respiratória e circulatória) e das capacidades físicas (força, flexibilidade e

resistência). Com a diminuição destas variáveis, ocorre um aumento na dificuldade de realização das atividades de vida diária por parte do indivíduo, ou seja, fica mais difícil para o idoso subir escadas, se segurar no ônibus ou ter o mesmo vigor de anos atrás para trazer as compras do supermercado até em casa. Além disso, estudos têm investigado que com o avançar da idade ocorre uma maior propensão às doenças crônico-degenerativas e um maior risco de quedas.

Sabe-se que a atividade física possui um importante papel como forma de prevenção de doenças e diminuição dos efeitos deletérios, proporcionando assim uma manutenção dos aspectos físicos. Desta forma, aumenta-se a expectativa de vida dos indivíduos e proporciona uma melhor qualidade de vida com o avançar da idade.

Já, ao considerar os aspectos psicossociais, Alvarenga e Colaboradores (2008) destacam que a aposentadoria é um momento de mudanças na vida dos idosos. Essas mudanças podem repercutir de forma negativa ou positiva perante a sociedade, podendo assim, ter duas visões distintas do processo de envelhecer.

Sobre uma perspectiva pessimista do envelhecimento, podemos citar a chegada da aposentadoria enquanto um momento que o indivíduo perde a sua identidade e, além disso, fica com uma conotação de ser improdutivo. A diminuição do círculo de amigos torna cada vez mais as pessoas idosas distantes da sociedade.

Uma mudança que a chegada da aposentadoria carrega consigo é a diminuição do papel social dos velhos e de seus status na sociedade. Em uma sociedade que visa a produtividade, o rendimento e o lucro, com o término dos afazeres de trabalho os idosos tornam-se 'dispensáveis'. Nesta mesma perspectiva, quando o trabalho não faz mais parte da vida, as pessoas não possuem o status de competência e de produtividade que é exigido pela sociedade moderna (SILVEIRA, 2008). Segundo Deps (2008), a cultura ocidental, ao contrário da oriental, valoriza o jovem, a vitalidade e a produtividade econômica. Deste modo, não é atribuído um papel significativo para o idoso.

Em uma sociedade que valoriza a juventude, a beleza, o "produtivo" e na qual a velhice é uma fase da vida vista com preconceitos de inutilidade, dependência e improdutiva, as pessoas idosas encontram dificuldades de inserir-se. Diante dessas limitações o idoso isola-se, mesmo que esteja residindo com sua família, muitas vezes, não possui poder de decisão, permanece sozinho em casa (LEITE; CAPELLARI; SONEGO, 2002, p.19).

Dentro desta perspectiva, Beauvoir (1990, p.329)<sup>1</sup>, apud Silveira (2007) acredita que 'é através de sua ocupação e de seu salário que o homem define sua identidade'. Com a perda desta identidade, o velho se vê diante de uma falta de 'significado para existência' (DEPS, 2008, p.58). Diante do exposto, o mesmo autor considera que o aumento da expectativa de vida não seria a melhor resposta para o processo do envelhecimento, a não ser que tenha algum significado pessoal, o qual é fundamentado em valores e capaz de dotar a vida de satisfação própria.

Em relação à interação dos idosos com a sociedade, a aposentadoria também pode trazer efeitos negativos. O principal deles é a retirada do indivíduo de seu círculo social de colegas de trabalho. Desta forma, o aposentado ao sair do emprego não possui mais aquele ambiente de sociabilidade, perdendo as suas relações sociais comuns do cotidiano. Em relação à família, é nessa fase que, normalmente, os filhos começam a planejar a saída de casa também podendo ocorrer a perda de entes queridos, o que agravaria o isolamento social do idoso. Além disso, mesmo que haja a presença dos filhos, essa relação não parece contribuir de forma tão importante para o estado de espírito do idoso se comparada com a convivência entre amigos da mesma faixa etária. Isso se deve, muitas vezes, pelo fato de que os relacionamentos entre parentes são normalmente pautados por interesses e obrigações, enquanto que com amigos ocorre por livre escolha (LEE; ISHI-KUNTS 1988<sup>2</sup> apud DEPS, 2008). Desta maneira, ressalta-se a importância de novas amizades, fora do ambiente familiar.

---

<sup>1</sup> BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

<sup>2</sup> LEE, G.R. e ISHI-HUNTZ, M. (1988). "Social interaction, loneliness, and emotional well-being among the elderly". *Research on Aging*. 4. v.9, pp. 459-482

Após os aspectos negativos do envelhecimento, podemos trazer uma visão mais otimista, onde ao invés de lamentar a perda do trabalho, a diminuição do círculo de amigos e a perda da identidade e do *status* social, destaca-se o idoso que tem tempo para estabelecer novas amizades, levar adiante projetos antigos e aproveitar o tempo livre de trabalho na busca de novos significados e valores pessoais, inserindo-se novamente na sociedade.

Dentro desta perspectiva, podemos começar estabelecendo algumas relações sobre a busca do significado pessoal. Uma das estratégias para tal é a existência de responsabilidade e compromisso que têm sido citadas como condições necessárias para o alcance de significado pessoal. Estes compromissos não precisam estar necessariamente relacionados ao trabalho, mas à fatores significativos como valores, ideais e tradições. Desta maneira, dependendo de interesses ou recursos, o compromisso pode ser na forma de perseguição de atividades prazerosas ou na ajuda aos outros, ou então dirigido a causas sociais. Desta forma, ressalta-se a importância da existência de um compromisso com algo ou alguém, a fim de se experimentar o “sentimento de significado” (DEPS, 2009, p.60).

Outro fator que podemos considerar importante com a transformação da vida após a aposentadoria é o fato de estar inserido em algum grupo social. É interessante observar que, para Zimerman (2000), um grupo não é somente a soma de indivíduos, mas sim uma reunião de pessoas que desenvolvem um determinado tipo de relacionamento, um vínculo, uma força que dá a ele um sentido de pertencer. Atividades em grupo, sejam elas de qualquer natureza, podem oferecer uma gama de significados pessoais para os aposentados que as aderem. Além disso, o fato de interagir socialmente é outro aspecto motivador para a adesão e principalmente permanência para este tipo de atividade. Para Deponti e Acosta (2010) a participação de idosos em grupos de atividade física é de fundamental importância para uma velhice bem sucedida. Em uma perspectiva social, os autores citam ser um espaço onde os idosos podem desfrutar de atividades de lazer e interação com outros. Além disso, Zimermann (2000) advoga que as atividades em grupo podem reduzir o

estresse ampliando as possibilidades de interação social. Ainda dentro deste ponto de vista, para Debert (1999), espaços de convivência são os lugares onde revemos os estereótipos negativos de velhice e experiências de envelhecimento bem sucedido são vividas coletivamente.

Grupos de idosos possuem uma relação com a conotação da velhice nos dias atuais. A imagem do envelhecimento vem se modificando ao longo dos anos. Sabe-se que a palavra 'velho' não possui um sentido positivo perante a sociedade. Desta maneira, a pessoa que consegue disfarçar fisicamente o seu envelhecimento obtém uma valorização importante perante ao contexto em que se vive atualmente. Segundo Soares (1995) os idosos já não são valorizados pela experiência em que acumularam, mas pelo aspecto de "Jovialidade" (SOARES, 1995, p.19) que possuem. Com isso, grupos de atividade física mudam a imagem de envelhecimento, executando atividades comuns às faixas etárias mais novas e, desta forma, modificando a imagem do envelhecimento atual.

Desta maneira, podemos observar que apesar dos aspectos negativos da aposentadoria e velhice, o envelhecimento pode ser visto e vivenciado de uma maneira bem-sucedido, tanto relacionado aos aspectos físicos bem como a busca por novos vínculos sociais, novos projetos atribuindo novos sentidos para a vida.

## 2.2 ESPORTE

O esporte muitas vezes aparece na literatura como um conceito dado, ou seja, como algo que já está suficientemente explicado, pois suas características repetem-se em diferentes interpretações. Entretanto, o esporte pode ser visto de formas distintas, quando praticado em vários contextos e com significados vinculados às pessoas que o vivenciam. (STIGGER, 2002;2009)

Segundo González (2005) as manifestações esportivas possuem alguns elementos que permitem diferenciá-las de outras práticas corporais. Dentre eles estariam o fato de serem atividades motoras/corporais orientadas a comparar determinado desempenho entre indivíduos ou

grupos. Por segundo, o fato de possuírem um conjunto de regras que visam proporcionar condições de oportunidade para ambos os lados vencerem, mantendo a incerteza do resultado e, por último, as regras mencionadas são institucionalizadas por organizações que assumem a responsabilidade de definir e homogeneizar as normas de disputa e promover o desenvolvimento desta modalidade.

Para Bouet<sup>3</sup> (apud Stigger, 2002) o esporte possui diversos elementos que compõe uma instituição: elementos materiais e produtos culturais (piscinas, pistas, competições e eventos); grupos específicos como equipes, clubes e federações; agentes de autoridade hierárquica, símbolos coletivos (bandeiras e cores); comportamentos determinados (ritos, regras) e representações de idéias como *performance*, a imagem do campeão e o espírito esportivo. Apesar do reconhecimento da existência da instituição esportiva, Stigger (2002) desenvolve todo o seu estudo na perspectiva de compreender o esporte 'das pessoas comuns' no sentido do lazer, da resignificação e dos sentidos particulares que esse fenômeno possui dentro nos diferentes contextos.

A partir dessa consideração podemos estabelecer uma discussão relacionada ao sentido/significado que o esporte é atribuído em determinadas modalidades, por pessoas distintas, em locais diferentes. O esporte não somente consiste em grandes competições organizadas por federações e divulgadas pela mídia. Ele deve ser considerado em seu contexto mais amplo, pois é também encontrado em diferentes universos, em diversas camadas sociais possuindo uma série de significados particulares para os seus praticantes.

Desta maneira, diversos autores buscam conceituar ou de alguma forma estabelecer relações de como as pessoas vivenciam e atribuem valor para estas determinadas práticas. Segundo Tubino (2010), historicamente o esporte era visto em uma perspectiva de rendimento até praticamente o final da década de 1970 quando a partir da carta internacional de educação física e esporte (UNESCO, 1978) surgiu a defesa do direito de todos às práticas esportivas. Dentro deste contexto o autor considera que nos dias

---

<sup>3</sup> BOUET, M. 1968. Signification du sport. Paris, Édition Universitaires.



atuais, não somente uma visão de esporte voltada ao rendimento, mas em três dimensões distintas: esporte-educação, esporte-participação e esporte-performance.

O esporte educação é desvinculado do sentido do rendimento e voltado para um sentido educativo. Seria o esporte realizado no contexto escolar. O esporte-participação é referenciado com o princípio do prazer lúdico e relacionado intimamente com o lazer, com o objetivo de proporcionar o bem-estar dos participantes. Por fim, o esporte-*performance* ou esporte-rendimento é praticado pelos talentos esportivos, traz consigo os propósitos do êxito esportivo, da vitória sobre os adversários e “é exercido sobre regras pré-estabelecidas pelos organismos internacionais de cada modalidade” (TUBINO, 1992).

Stigger (2005) faz algumas considerações em relação à categorização criada por Tubino:

Seria difícil esperar que essas classificações conseguissem dar conta da realidade concreta, na sua totalidade. Assim, são dispensáveis maiores argumentações para que se possa acreditar que no âmbito do “esporte-participação” uma mesma prática esportiva possa ser realizada por diferentes indivíduos e grupos, que podem dela se apropriar de várias formas, atribuindo-lhes significados diversos, eventualmente próximos do que Tubino denomina de “esporte-performance”; também não parece difícil crer que no contexto do “esporte-educação”, essa atividade possa ser desenvolvida de diferentes maneiras, a partir da posição pedagógica do professor (STIGGER, 2005, p.76).

Podemos observar que o autor, sem desmerecer a classificação de Tubino, aponta alguns limites da mesma, principalmente quando se refere ao fato de que indivíduos diferentes podem atribuir significados distintos à mesma prática esportiva. Sendo assim, enquanto um jogador atribui um aspecto de rendimento a uma partida, outro busca brincar no mesmo contexto. Esta classificação não abrange estas peculiaridades.

Outros autores também se relacionam acerca do esporte em relação aos significados e sentidos atribuídos para a prática. Elias e Dunning<sup>4</sup> (*apud* Stigger, 2002) explicam que o esporte no âmbito do lazer tem seus

---

<sup>4</sup> ELIAS, N.; DUNNING, E.; a busca da excitação. Lisboa, Difel. 1992.

significados voltados, em especial, para os próprios praticantes enquanto que no esporte de rendimento, estaria dirigido para os outros.

Na mesma perspectiva, podemos tratar dos extremos com os “conceitos” de “trabalho” e “brincadeira”. Nesta idéia proposta por Famose<sup>5</sup> (*apud* Gonzalez, 2007) quando a prática se orienta por resultados, se aproxima do pólo do trabalho. Dessa maneira, o jogo possui um valor a mais, passando o resultado de um pretexto para a prática para o “*status*” de objetivo. Já quando o esporte se aproxima do pólo de brincadeira, o resultado não possui “valor de troca”, ou seja, sem expectativas de ganhos ou perdas. Não há uma busca por ganhos relacionados ao dinheiro, troféu e medalhas bem como ganhos simbólicos como prestígio ou reconhecimento.

Para melhor explicar a idéia de que o esporte pode ser tanto referenciado em resultados e *performance*, bem como no aspecto lúdico e da brincadeira que citaremos o estudo etnográfico de Silveira (2008). Nesta pesquisa realizada com praticantes de futsal a autora cita que por momentos, os conceitos que integram o chamado “esporte de lazer” (SILVEIRA, 2008, p.100) estão em destaque, enquanto que em outras situações, os conceitos que integram o “esporte de rendimento” (SILVEIRA, 2008, p.100) possuem uma relevância maior. Desta maneira, ela representa as situações graficamente, em forma de uma ‘gangorra’, onde cita o fato de esta estar em constante movimento, ora destacando elementos do esporte de lazer, ora os de esporte de rendimento.

A partir desta brevíssima revisão, podemos falar que o esporte, que possui diversos elementos que o influenciam, não pode ser classificado ou categorizado de uma forma rígida. Percebe-se que em diversas situações pode ser atribuído ao esporte significados distintos por diferentes pessoas inclusive um mesmo momento. Uma das situações é a competição, que pode ser vivenciada de diversas formas pelos participantes.

### 2.2.1 COMPETIÇÃO

---

<sup>5</sup> FAMOSE, J.P.; Rendimento Motor: um intento de definición. In \_\_\_\_\_(Dir.) Cognición y rendimiento motor. Barcelona: Inde, 1999.

A competitividade pode ser definida como: “uma disposição para lutar por satisfação ao se fazer comparações com algum padrão de superioridade na presença de avaliadores” (MARTENS, 1976, p. 3). Com isso, verifica-se na motivação para a realização que o indivíduo preocupa-se com o seu desempenho para si enquanto que na competitividade o interesse é do que os avaliadores - colegas, amigos, banca de arbitragem - vão achar da situação.

Para Coakley (1994) competição é um processo social que ocorre quando recompensas são dadas a pessoas com base em seu desempenho comparado com os desempenhos de outros indivíduos que estejam realizando a mesma tarefa ou participando do mesmo evento. Já para Thiess, Tschiene e Nickel, (2004) é definida como comparação do rendimento onde se deve levar em conta a base de regras obrigatórias, pautas de orientações e regulamentos. Além disso, para sempre vencer nessa comparação de rendimento o indivíduo se dedica mais, vencendo seus próprios limites, superando os seus desafios para vencer o seu adversário.

Segundo Weinber e Gould (2001), a competição pode ter diversas situações: uma delas é a situação competitiva objetiva onde há critérios de avaliação e alguém poderá avaliar o seu desempenho. Outra situação é a competitiva subjetiva onde é caracterizada de acordo com o sentido da prática para o indivíduo, ou seja, pode ser pelo simples prazer de competir, pode ser na busca por vencer outros competidores e sair vitorioso de uma competição bem como pode ter o foco nos padrões pessoais, com o objetivo de melhorar o próprio desempenho.

Segundo Devide, (2003) a competição não tem um conceito literal, embora se entenda como a disputa com um oponente ou comparação com um outro competidor. Entretanto, a comparação não necessariamente é caracterizada pela presença do adversário, podendo o indivíduo estar competindo contra os próprios limites. Outro aspecto importante relatado pelo autor sobre a competição é que ela só ocorre se há uma ‘avaliação’ de terceiros, ou seja, há a necessidade que alguém esteja vendo a competição para que ela seja determinada, gerando assim uma situação social.

John Lawther<sup>6</sup> (*apud* Devidé, 2003) coloca que a competição, na verdade, é uma forma de esforço para provar a si mesmo que é superior a outro. Neste caso, obtendo honra e louvor para isso. Segundo ele, esse esforço não necessariamente traz uma conotação hostil, entretanto à medida que o desejo de vencer vai aumentando, a competição pode transformar os participantes, tornando-os agressivos e com alto nível de rivalidade.

Fazendo uma relação com o tópico anterior, podemos considerar um trabalho realizado por Stigger (2009). Nele, o autor contraria diversos autores quando consideram que o esporte é baseado na idéia de competitividade e de afrontamento. Segundo Stigger, esta não é uma regra tão clara e estabelecida. Enquanto os outros autores colocam que, na verdade, essas afirmações consideram que as práticas esportivas possuem os mesmo objetivos, sentidos e motivações para todos os praticantes, ou seja, pautada pelo resultado independente de seus protagonistas, Stigger defende a idéia de que o esporte pode ser considerado de diversas formas, devendo ser levado em consideração o contexto e o significado para seus participantes. Desta forma, podemos refletir que a competição existe nas práticas esportivas, entretanto pode ou não se tornar uma prioridade frente aos integrantes. Desta maneira, esportes podem ou não ser pautados pela competição.

### 2.2.2 ESPORTE PARA O IDOSO

Nas paginas anteriores, tratei sobre envelhecimento, esporte e competição. Neste tópico, falarei um pouco sobre os esportes adaptados para a terceira idade. Primeiramente, é importante explicar ao leitor as diferenças entre esporte máster, que aparece de forma mais constante na mídia, e os esportes adaptados para a terceira idade. Desta maneira, explico que o esporte para os másteres ocorre da mesma maneira que para atletas olímpicos, entretanto possuindo categorias de idades diferentes (SBME, 2001). Faria Junior (2008) complementa essa idéia dizendo que ela

---

<sup>6</sup> LAWATHER, J. Psicologia Desportiva. Rio de Janeiro: Fórum, 1973.

não foi criada e desenvolvida para atender às necessidades esportivas de idosos, mas de atletas adultos, mais jovens (FARIA JUNIOR, 2008). Já para os esportes adaptados, as regras foram modificadas tendo em vista as limitações da saúde física dos idosos praticantes. Com isso, explico que no presente trabalho, investigo grupos praticantes de esporte adaptado e, dentro do contexto estudado, para uma divisão de times foi criada uma categoria máster que explicarei posteriormente.

A partir de 1970, foram tomadas iniciativas de programas de atendimento a idosos no Brasil, levando em consideração este novo fato social no país, chamado 'aposentadoria'. Esses programas eram baseados na ocupação do tempo livre, sendo grupos de convivência basicamente com atividades recreativas, culturais e sociais. A partir disso, as atividades físicas foram introduzidas lentamente, pois muito se acreditava que em idosos a quantidade de exercício deveria ser reduzida (BLESSMANN, 2007)

No final do século XX ocorre uma mobilização do conselho estadual do idoso, assim como universidades e prefeituras, com perspectivas de que os idosos fossem beneficiários na política pública de esporte e lazer (BLESSMANN, 2007). Dentre outras ações foram criados os jogos adaptados para o idoso (adaptações do basquete, handebol e volei), de forma a reduzir a intensidade do exercício e oportunizar a participação até mesmo daqueles que não se consideram aptos para jogar. Para Blessmann (2007), em relação aos aspectos psicológicos e sociais, os jogos esportivos adaptados criam um espaço de vivência coletiva para os idosos ao propiciar-lhes novas experiências sociais, experiências para além das suas relações familiares e do seu bairro e que não estão limitadas ao grupo com o qual praticam os jogos, pois há momentos de encontro com outros grupos de praticantes.

Em relação aos aspectos de ordem biológica, os esportes adaptados estão dentre as atividades que podem contribuir para o desenvolvimento ou manutenção da aptidão física, considerando os benefícios que advêm de sua execução. Habilidades como lançar, arremessar, e pegar uma bola são exemplos de tipos de coordenação que envolvem a capacidade de coordenar olhos, mãos e pés de maneira que um movimento específico

possa ser realizado para atingir um objetivo. É através do esporte que o idoso pode ser desafiado em agilidade, velocidade, potência, coordenação e tempo de reação. Os jogos de quadra com bola exigem do idoso atenção para acompanhar o movimento da bola e envolver-se na jogada, como também é necessário memorizar as regras.

A partir do conhecimento destes benefícios, os jogos adaptados foram incorporados por prefeituras, universidades e outras instituições como forma estimular o idoso a se inserir em um contexto esportivo, onde a integração social do idoso e o desenvolvimento de habilidades sejam proporcionados para este público. A partir das minhas vivências enquanto estudante de graduação e a participação em diversos eventos de práticas esportivas com idosos, considero que dentre os esportes o que mais obteve adesão por parte dos idosos foi o câmbio, o qual pode-se considerar uma adaptação do voleibol.

O jogo de câmbio é uma adaptação do voleibol que tem por objetivo facilitar a participação de idosos no contexto esportivo. Dentre as principais alterações do câmbio, verifica-se o fato de jogar com a bola presa, não poder saltar ao arremessar a bola (evitando assim um maior impacto nas articulações) e a participação de nove jogadores por time em cada lado da quadra. Com o maior número de participantes, há uma redução na velocidade do jogo, visando proporcionar aos integrantes condições de participação independente do seu condicionamento físico ou de suas habilidades esportivas.

Outros aspectos pertinentes às regras do câmbio e origem da modalidade serão comentados posteriormente no presente estudo. A partir de agora, explico a demarcação do presente trabalho.

### 3. DEMARCAÇÃO DO ESTUDO – EU VOU ESTUDAR O CÂMBIO

Como referido anteriormente, a modalidade câmbio surge de modo a facilitar a inserção do idoso em esportes, contribuindo para a sua ‘nova inclusão’ na sociedade. Devido às suas adaptações, esta modalidade facilita a inserção dos idosos em competições, buscando o melhor resultado no esporte, modificando a forma como a velhice é vivenciada nos dias atuais. Alguns estudos têm apresentado para a literatura formas de como os idosos vivenciam esta fase da vida (ZABALETA, 2012; SILVEIRA e STIGGER, 2007). Entretanto, a vivência do esporte pautado pela competição não vem sendo explorada por pesquisadores quando nos referimos à idosos.

Para verificar essa relação entre idosos, esporte-adaptado e competição tomei a liberdade de fazer algumas delimitações. O estudo a seguir será dividido em quatro temáticas. Na primeira delas, denominada de ‘O jogo do câmbio: as regras ‘oficiais’ e ‘o que eu vi’ destaco a evolução do esporte adaptado para um caráter mais competitivo e a forma como as regras tem acompanhado esta questão. Na segunda temática, ‘Escolhendo e inserindo-me nos grupos investigados’ explico ao leitor quais são os grupos investigados bem como os locais onde se originaram as equipes. Além disso, explico a relação entre os dois grupos e os papéis dos líderes dentro das equipes. Por terceiro, em ‘como os idosos vivenciam o esporte?’ verifico o quanto os aspectos de esporte-lazer e quanto os aspectos esporte-rendimento estão presentes no dia a dia das equipes, de acordo com a gangorra de SILVEIRA (2008). Desta forma, busco mostrar a diferença de como o jogo é encarado em dias de treino e em dias de competição. Por fim, a quarta temática, ‘O câmbio e a saúde dos idosos’ envolve a saúde e sua relação com os aspectos relacionados ao esporte-rendimento. Dentro deste tópico destaco o conceito de saúde tanto na ordem física como psicológica e social, e verifico de que forma o estímulo para a competição em indivíduos de idade avançada pode interferir frente a estas variáveis.

A partir desta breve explicação, apresento a pergunta que norteia este trabalho: **Como idosos vivenciam a prática do câmbio e como ela**

**se insere no seu processo de envelhecimento?** Para encontrar a melhor resposta desta questão foi necessário que eu buscasse outras respostas: Quem são esses idosos? Porque escolheram o câmbio? Por que o câmbio numa versão pautada pelos resultados? Como essa prática se relaciona com a forma de vivenciar o esporte? Como se relaciona a saúde e os aspectos competitivos? Estas foram as perguntas que nortearam a minha pesquisa e, para respondê-las utilizei o método etnográfico, apresentado no próximo tópico.



#### 4. ETNOGRAFIA: A METODOLOGIA ESCOLHIDA

Para melhor responder a minha pergunta, a metodologia utilizada no presente estudo foi a etnográfica, onde se tem por métodos de investigação a observação participante bem como entrevista para a coleta de dados (VELHO, 1978; ROCHA e ECKERT, 2008). Neste tipo de método, o pesquisador se insere em um universo diferente do seu 'ambiente natural' para que ele possa vivenciar realidades diferentes, formas de sociabilidade e de valores distintas para que chegue às suas próprias conclusões sobre o contexto estudado.

Para melhor compreender etnografia trago a explicação de Margareth Mead<sup>7</sup> (*apud* Rocha e Eckert, 2008) onde considera que as práticas etnográficas se traduzem na memorização de acontecimentos orais e complexos (cerimônias, conversas, relatos, comentários, interações verbais etc.) que necessitam ser registrados, classificados, correlacionados, comparados e, logo após, retomados pelo etnógrafo na forma de estudos monográficos, através do uso de conceitos teóricos e metodológicos do seu campo disciplinar e não do próprio 'nativo'. Magnani (2009) reforça a necessidade desta 'conversa' com a literatura quando diz que apesar de a etnografia ser composta de um conjunto de técnicas (observação participante e entrevistas) não pode ser empregada independentemente de uma discussão conceitual. Desta forma, o trabalho aqui apresentado ocorreu através de observação dos acontecimentos e eventos para que depois, houvesse uma reflexão de meus registros e pensamentos com a literatura.

Para Magnani (2002) etnografia é um método de trabalho característico da antropologia que abre para a compreensão do fenômeno urbano, mais especificamente para a pesquisa da dinâmica cultural e das formas de sociabilidade nas grandes cidades contemporâneas. A partir dessa definição, o autor traz à tona como se realizam as relações interpessoais, bem como os aspectos culturais. Esses dois últimos pontos que costumam ser analisados são importantes devido ao fato de em cada

---

<sup>7</sup> MEAD, M. Anthropologie visuelle dans une discipline verbale. In: FRANCE, C. (Org.). Pour une anthropologie visuelle. Paris: Mouton, 1979.

grupo ou cada universo ser diferente. É importante salientar que, mesmo observando duas equipes de câmbio, não poderia generalizar as equipes investigadas para todos os outros grupos existentes da mesma modalidade. Por mais que o universo seja exatamente o mesmo, as formas de sociabilidade dentro do grupo serão distintas devido ao fato de os jogadores não serem os mesmos.

Para Rocha e Eckert, (2008) a etnografia é composta de técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do pesquisador junto ao grupo social a ser estudado. Nesse tipo de convívio, além do período de investigação podemos levar em consideração o aspecto da forma com que há essa relação entre pesquisador/informante. Nesse sentido, a etnografia pode variar de mais ou menos prolongada, bem como “de longe” e “de fora” e “de perto” e “de dentro” (MAGNANI, 2002; 2009)

Para Magnani (2002) os estudos etnográficos são estudos basicamente sobre as cidades: desta forma, cita duas unidades de análise etnográfica. Na primeira delas, pode ser visto de uma forma superficial, onde somente políticos e artistas aparecem. Dá-se mais atenção aos monumentos, praças e parques. Essa é a denominada visão “de fora e de longe”, utilizada mais para analisar a cidade em seu conjunto. A outra forma é a “de perto de dentro”, onde se leva em consideração os grupos existentes na população e a maneira com que eles vivem, convivem e desenvolvem suas práticas. Esta última se aproxima mais como idéia desta investigação.

Para Magnani (2009), esses focos devem estar não tão perto que se confunda com a perspectiva particularista de cada usuário e nem tão longe a ponto de distinguir um recorte abrangente, mas indecifrável e desprovido de sentido. Ou seja, não devemos analisar nem estruturas físicas, econômicas e institucionais da cidade, entretanto não devemos nos prender nas escolhas individuais: há planos intermediários onde se identifica regularidades, na busca por algumas totalidades. Com uma visão parecida, Velho (1978) cita que há a necessidade de uma “distância” mínima entre o pesquisador e os que estão sendo observados. Um

envolvimento forte entre ambos poderia trazer a imparcialidade do etnógrafo, deformando seus julgamentos e conclusões. Sendo assim, destaco que através das observações realizadas, procurei e acredito ter conseguido observar a partir deste olhar 'intermediário' citado por Velho e recomendado por Magnani. Mesmo que não pudesse jogar nas competições (devido a minha idade), me senti parte do grupo jogando em alguns treinos, confraternizando com todos nas viagens e/ou idas aos jogos e nas conversas à beira da quadra.

Essa interação que ocorreu com os idosos, segundo Rocha e Eckert (2008) é condição para a pesquisa, deve ser explorada como um processo de negociação do antropólogo com os indivíduos a serem estudados. Deve se formar uma parceria entre ambos, compartilhando suas idéias e intenções de pesquisa. Essa relação de troca é citada também por Magnani (2009) quando coloca que o pesquisador deve relacionar suas próprias teorias com as dos pesquisados, a fim de tentar sair com um novo modelo de entendimento. Essas conversas orientadas pelo tema também considero de fundamental importância para o bom desenvolvimento do trabalho, visto que durante diversas idas à campo, tive por objetivo dialogar guiando para um assunto que fosse tema do meu trabalho. Entretanto, tentando obter a menor influência possível sobre a resposta do participante.

A principal estratégia para a coleta de dados é a observação etnográfica. Ela constitui-se de três funções importantíssimas para o pesquisador: ver, ouvir e escrever (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006). A primeira delas é o saber ver, o olhar. O observador deve possuir um olhar específico para observar determinadas situações e indagar a partir delas determinadas questões para a sua pesquisa. Com o passar do tempo, aliando o maior conhecimento do meio e as leituras, o pesquisador fica com um olhar mais preparado, conseguindo absorver mais em uma ida a campo (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006). A segunda função é o escutar, ouvir. O pesquisador deve estar apto a ouvir determinada frase, anotá-la em seu diário de campo sabendo que pode ser útil para si em um posterior momento em alguma análise. Por último surge o escrever, traduzir. Esta função ainda poderia ser dividida em duas, onde o pesquisador deve, na verdade, saber reproduzir o que vê e ouve em seu diário de campo e, após

isso, saber repassar de uma forma que seja de fácil compreensão para os leitores. (ROCHA e ECKERT, 2008; WINKIN 1998).

Uma ferramenta importantíssima para a realização de um estudo etnográfico é o diário de campo. Seguindo as orientações de Winkin, (1998) o diário é escrito em duas colunas onde na coluna da direita, são descritas as observações, ou seja, tudo o que se ouve e o que se vê, é escrito nesta parte. Na coluna da esquerda, o pesquisador anota as releituras, comentários e pensamentos para posterior reflexão e tradução para o leitor. Outra recomendação do autor citado acima foi a utilização de papel e caneta nos diários de campo ao invés de gravadores e filmagens. Segundo Winkin (1998), trabalhar com uma câmera ou máquina fotográfica é como trabalhar com um aspirador, coletamos os dados sem saber o que aspiramos, ficamos com uma bolsa cheia deles, exibimo-los e não sabemos o que fazer com eles. Por isso, a utilização do papel e caneta. Ao passo que a o olhar vai ficando mais aprimorado com o passar do tempo, o diário também vai ficando mais breve e eficaz.

Na etapa final do presente trabalho, optei por utilizar outra ferramenta etnográfica: as entrevistas. Elas foram realizadas após todas as idas a campo, depois de já terem sido formuladas as categorias do trabalho, a fim de compreender mais as temáticas desenvolvidas dentro do universo estudado. Elas foram realizadas através da proposta de “ouvir todo especial” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p.22) onde o pesquisador deve estar inserido no mundo ‘estranho’ do entrevistado para melhor compreender e perguntar sobre o universo investigado. Além disso, a entrevista utilizada foi pautada pelas orientações deste mesmo autor, onde coloca que o pesquisador deve ter a habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido, sem receio de estar contaminando o discurso do nativo com seu próprio discurso.

Após apresentada a metodologia do trabalho, no tópico abaixo, descrevo a modalidade investigada com alguns comentários que considere pertinentes através de minhas observações.

## 5. O JOGO DO CÂMBIO – AS REGRAS ‘OFICIAIS’ E ‘O QUE EU VI’

Antes de apresentar os grupos investigados, busco explicar ao leitor o que, na verdade, se trata o câmbio. Tendo em vista a pouca visibilidade que esta modalidade tem mediante a sociedade, neste tópico explico de forma básica as regras oficiais e, após, aproveito para acrescentar as minhas opiniões à respeito do que vivenciei em relação as regras do câmbio e sua evolução como esporte adaptado.

Segundo a CARTILHA<sup>8</sup> (...) foram encontradas adaptações de atividades ou jogos esportivos em várias publicações. Entretanto os jogos adaptados da maneira como são jogados hoje pelas equipes investigadas, resultaram de uma experiência de um grupo de profissionais do estado do Rio Grande do Sul vinculados às Universidades (UNISINOS, UFRGS, UFSM, ULBRA, UNILASSALLE, FEEVAL e UPF), às prefeituras municipais de Porto Alegre e Passo Fundo e ao SESC que, através da prática, foram criando adaptações, aprimorando as existentes e formando regras. Desta forma, contextualizo que a modalidade câmbio, investigada no presente trabalho, tem adeptos mais ao sul do país, não sendo encontrados indícios de prática semelhante no resto do Brasil<sup>9</sup>. A partir de agora explico a dinâmica do jogo frente à maioria dos regulamentos e, após, contextualizo algumas divergências entre eles.

Apesar de o câmbio ter uma dinâmica de jogo pré-estabelecida bem consolidada, quando tratamos de regras para a competição ainda há muito que ser desenvolvido. A modalidade câmbio, que é uma adaptação do voleibol, ocorre nas mesmas dimensões da quadra do esporte já consolidado. Na maioria dos jogos e torneios, são elaborados regulamentos contendo as regras. Elas normalmente são compostas pelas regras básicas, nas quais está descrito que o jogo é composto por nove jogadores em cada lado da quadra (possibilitando além destes, mais três reservas); é permitido somente 3 indivíduos do sexo masculino por time; há um rodízio

---

<sup>8</sup> A cartilha da XII edição dos jogos de integração do idoso foi entregue aos voluntários do evento para que ficassem aptos a os idosos iniciantes e a apitar os jogos que iriam ocorrer no evento.

<sup>9</sup> Há indícios de outras práticas de adaptação do voleibol no país, entretanto não da forma como é jogado nos grupos investigados.

onde todos os jogadores trocam de posição em quadra (semelhante ao voleibol); somente o jogador da posição central (posição 8) pode arremessar a bola; ao arremessar para a quadra adversária, não é permitido saltar, pular ou ultrapassar a linha dos três metros. Essas adaptações ficam bem claras em todos os torneios observados.

Comparando as regras de câmbio atuais com as de um torneio semelhante no ano de 2003, podemos observar que elas vem evoluindo ao longo dos anos, entretanto, ainda há muito que ser feito. Primeiramente, é importante destacar que o jogo originou-se a fim de promover a interação social e evolução de habilidades físicas e motoras dos idosos, como comentei anteriormente no presente trabalho. Em contrapartida, o caráter competitivo que vem aumentando ao longo dos anos nesta modalidade, tem demandando uma atenção mais importante perante as regras.

Dentro deste contexto, destaco que para minimizar possíveis divergências e discussões durante as partidas normalmente ocorrem ‘congressos técnicos’<sup>10</sup> anteriormente aos jogos, onde são sanadas as dúvidas que surgem sobre as regras e combinados alguns ‘acertos’. Como exemplo dessas regras ainda não ‘uniformizadas’ trago a altura de rede, onde nas regras dos XV jogos de integração do Idoso, a altura era de 2,43m enquanto que nos jogos de IV Jogos de verão do SESC, a altura indicada é de 2,30m. Além disso, o tempo de duração de jogo, a forma como ocorrem as substituições e penalizações sobre rodízio também variam ou ficam omissas de um regulamento para outro.

Outra variável que também difere de um evento para outro é a idade. Segundo a OMS, idoso em países desenvolvidos é definido a partir de 65 anos enquanto que em países subdesenvolvidos, a partir de 60 anos. Mesmo com esta definição, muitos centros de atenção ao público **idoso** (grifo meu) aceitam pessoas a partir dos 50 anos de idade. A literatura pouco relata sobre isso, entretanto através de minha experiência, tanto acadêmica quanto nas observações do presente trabalho, percebo que isso vem ocorrendo devido à aposentadoria de muitas pessoas antes dos 60

---

<sup>10</sup> Congressos técnicos são certas ‘reuniões’ de capitães de equipes e comissão organizadora de evento, para definir determinados detalhes das regras anteriormente às partidas de caráter competitivo.

anos e o convite de amigos já presentes nos grupos, para se inserirem nos grupos. Desta forma, os jogos 'ditos' adaptados para a terceira idade, ganharam adeptos adultos acima de 50 anos.

A partir dessa característica viu-se a necessidade, principalmente no âmbito competitivo, de haver uma divisão entre categorias. Isso ocorre devido ao fato que, normalmente, indivíduos de 50 anos possuem uma aptidão física maior comparada aos indivíduos de 60 anos, acabando por desempenhar um melhor rendimento em quadra, não havendo mais espaço para o mais velho. Desta maneira surgem as categorias máster (entre 50 e 59 anos) e Sênior (a partir dos 60 anos). Apesar de diferentes nomenclaturas em jogos competitivos bem como diferentes idades<sup>11</sup>, essas categorias são aceitas nos grupos investigados e esses são os termos por eles entendidos e utilizados. Apesar disso, no presente trabalho utilizarei o termo idoso para referir-me aos praticantes de uma forma geral, visto que a maioria dos integrantes encontra-se nesta faixa etária bem como o motivo da adaptação do esporte ser voltado para este público específico.

---

<sup>11</sup> Nos jogo de integração de Dois Irmãos (Diário de campo - 04/05/2013) a idade estabelecida era acima de 55 anos de idade.

## 6. ESCOLHENDO E INSERINDO-ME NOS GRUPOS INVESTIGADOS

Através de minha experiência como facilitador<sup>12</sup> em três edições dos jogos de integração do idoso (2010, 2011 e 2012) despertou-me a curiosidade em relação ao câmbio, competição e idosos. Para responder à pergunta norteadora do trabalho, necessitava investigar grupos de câmbio para verificar de que forma vivenciavam o esporte e a competição. Devido à minha participação em alguns eventos de esportes adaptados, já conhecia a maioria dos times e onde treinavam, principalmente pelo fato de o nome normalmente estar associado ao local de treinamento, como SESC, Parque Ramiro Souto, Parque Ararigbóia ou Ginásio Tesourinha.

Após uma breve busca sobre os horários que as equipes de câmbio costumavam treinar através de internet e telefone, percebi que havia um horário destinado ao câmbio no Parque Ararigbóia, nas sextas à tarde, o qual se encaixava na minha grade de horários de graduando. Os fatores que mais contribuíram para a escolha deste local foram o horário dos treinos e a facilidade de chegar ao espaço, devido à proximidade do local onde estudo.

A primeira observação ocorreu no dia 15/03/2013. Ao chegar ao parque já estabeleci o primeiro contato com a professora Ana<sup>13</sup>. Eu já a conhecia das edições anteriores dos jogos de integração do idoso em Tramandaí e isso facilitou a minha inserção no grupo. Neste primeiro dia ela permitiu que antes do alongamento inicial eu me apresentasse ao grupo, explicando o que eu iria fazer ali. Aparentemente todos concordaram com o trabalho após uma breve explicação minha, fizeram o alongamento e começaram a jogar.

Após as primeiras idas a campo, comecei a pensar em outro grupo para investigar na busca de comparar as vivências de grupos distintos. Procurando por um time com características competitivas, havia três opções de locais que recordava e achei que iria contribuir da maneira

---

<sup>12</sup> Facilitador foi a nomenclatura utilizada para denominar os integrantes da comissão organizadora dos jogos de integração de idoso (Tramandaí – RS) que auxiliavam em atividades como preparar os locais para as partidas e apitar jogos dos esportes adaptados.

<sup>13</sup> Os nomes dos participantes e professores serão fictícios no presente estudo, visando preservar a identidade dos participantes.



adequada para o meu trabalho. Dentre eles, o único que se encaixou em meus horários era o do Parque Ramiro Souto onde os treinos ocorriam quartas e sextas pela manhã e cujo grupo era considerado por muitos dos idosos que jogavam no Ararigbóia como uma 'equipe competitiva'.

Minha primeira visita ao Parque Ramiro Souto ocorreu no dia 19/04/2013. Cheguei relativamente cedo, passei pelas quadras e não havia ninguém. Caminhei um pouco mais e encontrei em torno de 15 cadeiras de plástico em formato de roda e dois ou três idosos por ali. Perguntei sobre o câmbio e me informaram que o pessoal se encontrava ali para depois jogar. Comecei a explicar um pouco sobre o meu trabalho e logo os idosos me convidaram pra sentar na roda que, após alguns minutos, teria em torno de 15 adeptos e se tornaria uma roda de chimarrão. Neste ambiente, conversei com vários praticantes do câmbio informando que estaria ali para um trabalho e conversando sobre o esporte. Surgiram diversas temáticas já no primeiro momento, as quais tornaram-se temas do presente trabalho e falarei posteriormente. Após esse primeiro momento o professor Antônio chega chamando todos para o treino, me apresento e pergunto sobre a possibilidade de fazer meu trabalho ali. Como ele também já me conhecia devido já termos trabalhado juntos em uma edição dos jogos de integração do idoso prontamente ele concorda, sendo muito receptivo.

Essa receptividade em ambas as equipes gerou a oportunidade de realizar a pesquisa com estes grupos. A pesquisa etnográfica ocorreu entre os dias 15/03/2013 no parque Ararigbóia e 27/09/2013 com a realização das entrevistas. Nestes pouco mais de 6 meses de investigação, consegui totalizar 23 diários de campo, sendo 9 no Parque Ararigbóia (incluindo um almoço de confraternização antes do treino), 9 no Parque Ramiro Souto e 5 competições, além oito entrevistas. Abaixo, descrevo os locais investigados e as características de cada grupo.

## 6.1 GRUPO DO PARQUE ARARIGBÓIA – EQUIPE 'SEM LIMITE'

O Parque Ararigbóia fica localizado no bairro Jardim botânico, na cidade de Porto Alegre – RS. Dispõe de uma área de aproximadamente 18 mil metros quadrados composta de sala de musculação, campo de futebol,

vestiários, cancha de bocha e equipamentos de recreação. Além disso, possui uma quadra poliesportiva onde eram realizados os treinos de câmbio. Esses aparatos foram conseguidos junto à prefeitura através de um Orçamento Participativo, solicitado pela associação comunitária do Parque a qual foi fundada em 1982 (FLOR, 2013).

A primeira visita ocorreu no dia 15/03/2013. Eu já conhecia o Ararigbóia de algumas idas para fins acadêmicos. Através das primeiras observações, descobri que para se manter ativo no parque, é solicitada uma contribuição voluntária de 30 reais o semestre, onde se pode fazer qualquer atividade no Ararigbóia desde haja disponibilidade de vaga. Dentre as atividades disponibilizadas existe musculação, dança, yoga, alongamento, dentre outras o câmbio. No ginásio poliesportivo encontrei uma quadra coberta com boa estrutura, banheiro, bebedouro e uma arquibancada de concreto. Além disso, a prefeitura cede bolas, redes além de professores para dar as aulas e funcionários para a manutenção. Desta forma, a taxa de contribuição voluntária fica apenas para a manutenção do Parque.

Os 'treinos' no parque Ararigbóia ocorrem nas sextas à tarde. Segundo o planejamento da professora Ana a idéia era que houvesse uma turma de iniciantes às 14 horas e, para o pessoal que já está acostumada a jogar, que o treino iniciasse as 15 horas. Entretanto, por falta de público de iniciantes, os treinos oficialmente começam as 14:30 e os idosos vão chegando aos poucos, muitos perdendo o aquecimento e a primeira partida. Além disso, percebi como característica deste grupo uma freqüência de 20 a 25 participantes por treino, mantendo-se basicamente os mesmos freqüentadores. As idades dos participantes variavam entre 50 até por volta de 80 anos, sendo em sua maioria do sexo feminino.

Figura 1: Treino 09.08.2013 – Parque Ararigbóia



Fonte: Arquivo Pessoal

Em relação às competições, a equipe somente ia com a categoria Sênior (acima de 60 anos). Outra característica importante da equipe é o fato de o time parecer ser ‘independente’ do parque Ararigbóia. Em todas as competições que observei e também nas que não pude comparecer, mas fiquei sabendo pelos comentários nos treinos, o time originado no parque Ararigbóia levava estampado na camiseta o nome de ‘Sem Limite’. Essa foi a forma encontrada, segundo a professora, de desvincular o nome do parque ao time que vai jogar. Isso ocorre devido ao fato de a prefeitura não oferecer apoio financeiro e horário para os professores acompanharem os alunos nestas competições amadoras. Teoricamente, o nome do “Parque Ararigbóia” só seria utilizado em competições realizadas com apoio da prefeitura e/ou estado. Essas competições ocorrem nos meses de outubro e novembro e não cobriram o período da pesquisa etnográfica. Desta forma, a equipe ‘Sem Limite’ é a equipe originada no parque Ararigbóia que costuma treinar naquele local, tendo como característica forte ser ‘independente’ do parque.

## 6.2 GRUPO DO PARQUE RAMIRO SOUTO

Na busca de um outro lugar para investigar o Câmbio, a fim de obter dados a mais para a investigação, procurei um local onde tivesse um grupo

e encaixasse com os meus horários. Desta maneira, em uma busca na internet e conhecimento prévio de experiências anteriores fiquei sabendo da existência do grupo do Parque Ramiro Souto localizado no Parque da Redenção (Parque Farroupilha) onde a princípio, os treinos ocorriam quartas e sextas pela manhã. Após algumas observações percebi que uma parte do grupo treinava também aos sábados.

O parque farroupilha, patrimônio histórico e Cultural de Porto Alegre, fica localizado próximo ao centro da cidade, entre os bairros Cidade Baixa e Bom Fim possuindo ampla dimensão, correspondente à 30 Hectares (STIGGER, MALATTI E MAZO, 2010). Dentre outras opções o parque possui diversas atrações como passeios de barquinho, mini-zoo, um auditório, amplos e diversos espaços para caminhada, quadras de bocha além de locais apropriados para a prática de atletismo, futebol, basquetebol e voleibol. Esse local destinado às práticas esportivas é denominado Parque Ramiro Souto, sendo considerado um ‘pedaço’ do parque da redenção.

A primeira visita ocorreu no dia 19/04/2013. O que mais chamou a atenção foi o fato de as quadras serem em local aberto, diferentemente do outro local investigado. O parque Ramiro Souto dispõe de duas quadras poliesportivas com piso de concreto. Próximo às quadras fica o que chamo de ‘casinha’ da administração, a qual é construída de material possuindo em torno de cinco ou seis cômodos. Pelo que entendi durante minhas idas a campo, ali ocorre a administração das atividades esportivas do Parque e onde são ministradas as atividades para as crianças e é o local onde são guardados os materiais da quadra.

No Ramiro Souto, a média de pessoas para os treinos era um pouco maior comparado ao Ararigbóia, cerca de 30 participantes. Neste grupo, há uma divisão bem definida de uma ‘equipe competitiva’ e dos ‘iniciantes’ que buscam aprender<sup>14</sup>. O primeiro grupo tem seu horário definido às 9 horas da manhã e o segundo grupo, se integra ao primeiro a partir das dez da manhã. Apesar de os horários e grupos estarem bem definidos e

---

<sup>14</sup> Essa situação não ocorre não ocorre no Ararigbóia, provavelmente devido à falta de quorum.

estabelecidos, são poucos os integrantes que cumprem, pois a maioria vai 'chegando aos poucos', muitas vezes dificultando a ocorrência de uma boa partida. O grupo que compete, no início das minhas observações, treinava aos sábados. Entretanto, esta foi uma atividade abolida com o decorrer da pesquisa também devido à falta de quorum. Para contextualizar o local e os grupos do parque Ramiro Souto, trago a imagem abaixo do dia 27/09/2013 (dia das entrevistas) por volta de 9:40 da manhã. Na imagem há participantes tanto da equipe denominada competitiva como integrantes dos iniciantes, ou seja, no horário destinado para o treino dos competitivos, os iniciantes que iam chegando mais cedo, juntavam-se para completar os times em quadra.

Figura 2: Treino no Parque Ramiro Souto (27/09/2013)



Fonte: Arquivo pessoal

Em relação ao nome da equipe nas competições, ela leva estampado em sua camiseta o nome de 'Ramiro Souto'. Apesar de o professor não costumar participar das competições, provavelmente pelos mesmos motivos da professora do Ararigbóia, ele denomina 'líderes', as quais são responsáveis pelas escalações e organização do time. Além disso, quando comparado com a professora do Ararigbóia, Antônio parece ser um pouco mais interessado nos resultados dos jogos das competições. Outra característica importante do Ramiro Souto é o fato de terem um 'plantel' um pouco mais 'recheado' do que a equipe do 'Sem Limite'. Dessa

forma o grupo do Ramiro Souto possui equipe tanto para a categoria Sênior (acima de 60 anos) como para a categoria máster (a partir dos 50 anos).

### 6.3 GRUPO OU GRUPOS INVESTIGADOS?

Até então citei o 'grupo' do parque Ramiro Souto e o 'grupo' do parque Ararigbóia (Equipe 'Sem Limite') como se fossem equipes completamente distintas. Entretanto, neste tópico venho discutir uma característica peculiar que ocorre entre estes participantes.

Comecei a observar o fato de que muitos dos idosos que treinavam no Ramiro Souto pela manhã, se encontravam novamente no Ararigbóia pela tarde. Por muitas vezes, até a primeira competição 'oficial' que fui observar, me questionava quem jogava por qual time. Após algumas conversas com os participantes, percebi que muitos costumam treinar em mais de um local, até mesmo combinando três locais distintos de treinos por semana. Isso pôde ser observado por mim em um almoço festivo no Ararigbóia (voltado somente para os indivíduos que costumam freqüentar o local), onde pude perceber camisetas de quatro equipes distintas de câmbio sendo utilizadas pelos participantes (Diário de Campo 19/04/2013). Foi nesse momento que me dei conta que há integrantes que competem por outras equipes e, mesmo assim, costumam jogar na quadra do Ararigbóia nos dias treinos. Apesar de ter me causado estranhamento, isso parece que faz parte do cotidiano daquele grupo.

Em minha primeira visita ao Ramiro Souto conversei com Vera a respeito do esporte, ela me relata o fato de haver 'parcerias' dentro do câmbio. Curioso, indago a respeito deste termo e ela me responde "são equipes parceiras, o Ararigbóia e o Ramiro, por exemplo" (Diário de Campo - 19/04/2013). Ela cita que essas equipes parceiras costumam alugar ônibus em conjunto, emprestar materiais e até mesmo jogadores.

A partir da primeira competição pude perceber como ocorre essa 'parceria' entre Ramiro e Sem Limite. Na ida para os primeiros jogos competitivos que presenciei, ocorrido na cidade de Dois Irmãos no dia 04/05/2013, Anita conta-me que começou a jogar no Ararigbóia, pois no Ramiro tinha muita gente e na equipe Sem Limite tem mais chance de

jogar. Em outro caso, Lourdes, também retrata esse exemplo de trânsito de atletas pelos times de câmbio. Segundo ela, começou a jogar no SESC, passou pelo Ramiro e, como lá nunca era escalada, começou a jogar no Sem Limite.

Outra situação foi uma conversa à beira de quadra com Rosa, quando ela explica-me que considera ser uma jogadora do SESC. Entretanto, como o SESC não costuma competir em todos os eventos, ela buscou jogar também no Ramiro Souto. Lá ingressando ela percebeu que no Ramiro o grupo “é um grupo muito fechado” e nesta perspectiva comentou: “procuro dar as caras para ser chamada no Ararigbóia” (Diário de Campo - 26/06/2013). Esse depoimento mostra que, além do trânsito freqüente de jogadores, que o Ramiro possui uma procura maior, enquanto que o time do Sem Limite muitas vezes carece de jogadores, demonstrando que esta ‘parceria’ através de ‘empréstimo’ de jogadores se dá mais por parte do Ramiro para o Ararigbóia.

Entretanto, foi na organização da ida aos jogos de Dois Irmãos que percebi a força desta ‘parceria’. Além do fato das equipes terem o costume de treinar umas na quadra das outras, as duas equipes dividiram um ônibus para irem juntas, organizando o pagamento como se fosse um só grupo. Para confirmar isso, trago o momento ocorrido no Ararigbóia no dia anterior à competição de Dois Irmãos:

Giovana e Vilma reúnem o grupo, dão satisfações a respeito do dinheiro recolhido para o ônibus, que inclui uma gorjeta para o motorista. Ao final, Giovana se refere aos que irão para os jogos no ônibus e diz que “somos todos um grupo” (Diário de Campo 03/05/2013).

Além desse depoimento, apresento uma foto que tirei em meio à intervalos de jogos de câmbio, quando todos jogavam um jogo de cartas denominado entre eles de ‘mexe-mexe’. A foto retrata bem a “junção” dos dois times, tendo 4 integrantes da equipe Sem Limite (em azul) e quatro integrantes da equipe do Ramiro Souto (de vermelho e cinza) confraternizando entre si aguardando as próximas partidas.

Figura 3: Dois Irmãos – RS - 04/05/2013



Fonte: Arquivo Pessoal

Desta maneira, posso dizer que os dois grupos distintos a serem estudados, na verdade são um grupo amplo de pessoas que frequenta dois locais diferentes da cidade de Porto Alegre. Este grupo conhece e possui relações sociais dentro dos dois locais e fora deles. Por motivos pré-definidos anteriormente à minha chegada, vestem determinada camiseta. Entretanto, basicamente só subdividem em dois grupos quando colocam o uniforme e se preparam para uma competição importante.

#### 6.4 AS LIDERANÇAS

Diversos estudos etnográficos tem identificado os grupos investigados (em diferentes modalidades e contextos) sempre tem as suas lideranças, que são pessoas importantes na manutenção dos grupos e que, por essa razão, aparentam possuir um poder de decisão maior em relação aos outros participantes (STIGGER, 2002; ZABALETA, 2012; SILVEIRA e STIGGER, 2007; PACHECO, 2012). Nos grupos investigados do presente estudo, destacamos também lideranças que, ou por indicação do professor (no caso do Ramiro Souto), ou por aparentemente tempo de permanência na equipe (no caso da Equipe Sem Limite) possuem voz mais ativa em relação aos outros participantes.



Primeiramente, para melhor exemplificar o que quero dizer com estas 'lideranças' trago alguns exemplos de outros estudos etnográficos. O primeiro, de Zabaleta (2012) ao investigar um projeto voltado para a terceira idade, denomina as idosas que organizam tanto eventos sociais como alguns itens do projeto como "turma do barulho". A autora comenta que "somente algumas fazem e podem fazer dessa organização, somente algumas possuem autoridade" (ZABALETA, 2012, p.47). Stigger (2002) também encontra exemplos do que chamo de lideranças, ao explicar os 'carolas':

O carola é um indivíduo fundamental para a existência dos grupos esportivos. Isso pelo seu interesse, dedicação e esforço pessoal no cumprimento de tarefas essenciais à sobrevivência destes grupos. São tarefas para as quais poucos dispõem de tempo e/ou interesse e que, na maior parte das vezes, são feitas com desprendimento (STIGGER, 2002, p.59).

Dentro do contexto que expliquei anteriormente, defino alguns comportamentos e atitudes que caracterizam os líderes de cada equipe. Dentre elas, que são comuns nos dois espaços observados, destaco a inscrição do time para o próximo campeonato, a escalação do time para o evento seguinte, a definição de como se dará o transporte (de ônibus, carro ou trem) e, em menor frequência, o recolhimento de dinheiro para as atividades sociais. Para melhor compreender como ocorriam essas dinâmicas, descrevo abaixo as lideranças dos grupos, a forma como se organizavam e características peculiares de cada liderança.

No Parque do Ramiro Souto, em minha primeira visita conversei com o professor e ele me informou ter escolhido três representantes dentro do grupo. Vera e Vilma e uma terceira que não recordo o nome e nunca me chamou a atenção por ser uma líder. Se pudéssemos fazer uma escala, Vera seria quase uma 'faz tudo' dentro do Ramiro Souto e Terezinha lhe auxilia em alguns momentos. Por fim, poderia citar José, um senhor que é considerado o 'craque' do time por muitos e tem uma voz muito ativa, principalmente nas questões de escalação do time. Abaixo contextualizo um pouco como Vera e Vilma levam adiante o time do Ramiro Souto.

Vera realmente parece “comandar” as situações. Além de escalar o time, fazer as inscrições e providenciar transportes, ela se destaca por ter uma rede e uma bola em casa, que leva para treinar quando o professor não está presente<sup>15</sup>. Nas situações em que há a presença do professor, os materiais são da prefeitura. Durante muitas vezes, ela é tratada como a técnica do time e tiram ‘sarro’ por este fato. Dentro deste contexto, uma atitude que me chama muito a atenção, é o fato de Vera muitas vezes estar ao lado da quadra, orientando o time ao invés de estar jogando. Essa postura é mais observada em jogos pré-competição e nas competições, onde ela muitas vezes deixa de jogar para dar dicas sobre posicionamento e como os colegas devem agir. Recordo-me de uma conversa entre Vera, Vilma e eu em um dia de treino chuvoso que apenas 4 participantes foram ao Ramiro Souto quando Vilma comenta que Vera está se especializando em tática: “ela é o nosso Luxemburgo”<sup>16</sup> (Diário de Campo – 19/06/2013). Além disso, em um treino no momento em que os idosos ‘da turma das dez’ já haviam chegado, um idoso afirma que a Vera “agora só ta mandando” (Diário de Campo – 26/06/2013). Desta forma, fica clara a conotação de técnica de Vera frente aos outros participantes, mesmo que não possamos generalizar a fala de Vilma e deste idoso a todos que freqüentem o local.

Vilma ao meu modo de ver, parece ter uma conotação de ‘auxiliar’ de Vera. Ela tem espaço para as suas opiniões, entretanto toma uma visibilidade maior somente quando Vera não pode comparecer a algum evento. Foi o caso do primeiro campeonato que presenciei, ocorrido na cidade de Dois Irmãos (Diário de Campo 04/05/2013), onde Vilma apareceu em um treino no Ararigbóia com uma prancheta na mão, escalando o time com o auxílio de José e recolhendo o dinheiro dos participantes para o transporte até a cidade do evento.

No grupo do parque Ararigbóia a liderança da equipe parece estar focada somente em uma idosa, chamada Giovana. Diferentemente do Ramiro Souto, no parque Ararigbóia o time é mais dependente das questões relacionadas ao espaço como a quadra, a rede e as bolas, que

---

<sup>15</sup> As situações em que o professor não está presente foram os treinos aos sábados (que foram abolidos com o decorrer do ano) e também durante as férias de julho do professor, que os integrantes continuaram indo treinar.

<sup>16</sup> Fazendo uma relação com o, na época, atual técnico do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense

são de posse da prefeitura e manipuladas somente pela professora Ana. Desta maneira, não percebe-se treinos fora do horário determinado (sextas pela tarde). Entretanto, questões relacionadas às competições, escalação dos times e gerenciamento dos participantes em viagens são sempre por conta de Giovana. Podemos tomar como exemplo situações como o recolhimento de dinheiro para as inscrições dos jogos de Dois Irmãos, e ligações para 'contratar' jogadoras de outros times para jogar pelo Sem Limite como atividades comuns para esta idosa.

Até agora comentei sobre as lideranças dos grupos investigados pouco falando da presença do professor. E de certa forma nos dois grupos investigados, a presença deles frente aos aspectos relacionados à jogos competitivos não foi tão significativa (no Ramiro Souto) e praticamente inexistente (no Parque Ararigbóia). No período de investigação não os observei atuando nas questões como escalar time para o próximo campeonato, inscrever os idosos nos torneios, etc. De certa maneira, isso não me causou estranhamento devido à minha experiência anterior em projetos de terceira idade. Além disso, Zabaleta (2012) ao investigar o projeto o qual fui bolsista, destaca essa situação advogando que era 'como se existisse uma inversão de papéis de quem era participante do projeto e quem coordenava, quem organizava' (ZABALETA, 2012 p.46). Dessa forma, mesmo que eu não possa generalizar, essas situações podem ocorrer em outros grupos de idosos.

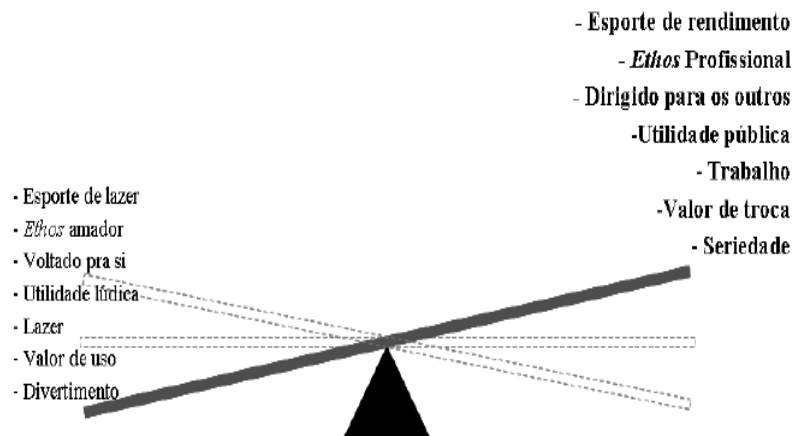
Após apresentar situar o leitor sobre como ocorrem as dinâmicas dos grupos investigados, trago como próximo assunto a forma como os idosos vivenciam o esporte em questão.

## **7. COMO OS IDOSOS VIVENCIAM O ESPORTE?**

De maneira geral, a prática de esportes na terceira idade tem sido pouco explorada pela literatura. Conhecer a forma como idosos encaram o esporte em seus grupos pode ser uma ferramenta importante para um melhor diálogo entre as organizações de eventos, professores e alunos. Podemos observar que a adaptação dos jogos, regras e regulamentos, não garantem a minimização dos aspectos pertinentes à competição (vitória ou derrota). Desta maneira, este tópico visa mostrar como idosos vivenciam o esporte - se de lazer ou de rendimento - a fim de proporcionar um maior conhecimento para a área da educação física sobre esta temática.

Para dialogar esta temática de esporte-rendimento e esporte-lazer, utilizarei no presente trabalho as considerações de Silveira (2008), que em sua dissertação de mestrado, busca relacionar os conceitos de esporte com o que observou investigando praticantes mulheres de um time de futsal. Desta forma, nas diversas conceituações existentes encontrou que os conceitos sobre o tema dão conta de que o esporte é vivenciado ou sob uma ótica de esporte-rendimento, ou sobre a perspectiva de esporte-lazer. Entretanto, a autora aponta em seu estudo que em uma mesma equipe, em um mesmo contexto, os conceitos de esporte-lazer e esporte-rendimento podem estar mais ou menos presentes, dependendo do momento. É importante afirmar que quando alguns conceitos estão em destaque os outros não deixam de estar presentes. Desta maneira, essas situações podem ser representadas pelo que a autora chama de “gangorra”. Esta certamente pode ser observada em nosso estudo. Desta forma, apresento a imagem ilustrativa utilizada, a qual dialogarei no presente tópico e no decorrer do trabalho:

Figura 4: Representação Gráfica da gangorra destacando características do esporte de rendimento



Fonte: Silveira, 2008 p. 102

De certa forma, após minhas observações, tomei a liberdade de dividir este capítulo sobre dois pontos de vista diferentes para a melhor compreensão do leitor. Na primeira, sobre uma visão ampla dos grupos, estabeleço o que presenciei e interpretei acerca do esporte na perspectiva do grupo como um todo. Na segunda, comentarei a minha interpretação frente ao que observei de alguns casos particulares dentro do câmbio.

### 7.1. O CÂMBIO COMO ESPORTE: UMA VISÃO AMPLIADA

Fazendo uma relação com os aspectos de esporte rendimento e esporte lazer<sup>17</sup>, os grupos observados apresentam momentos distintos em que os significados atribuídos à prática do esporte se transformam, podendo estar relacionados à diversos fatores como um adversário pré-estabelecido, a presença do placar, as rivalidades e o fato de estar em uma competição

O momento em que considero os aspectos de esporte-rendimento menos presentes denomino em meus diários de campo de “jogo sem critério de divisão de times”, que se fazia presente na maioria dos treinos

<sup>17</sup> Mesmo essas classificações não conseguindo dar conta da realidade concreta, na sua totalidade (STIGGER, 2005), utilizo estes conceitos para melhor compreender os grupos investigados.

que ocorriam nos parques, tanto no Ararigbóia como no Ramiro Souto. Esse tipo de jogo ocorria de maneira semelhante nos grupos investigados, sendo que sua característica principal era que não houvesse nenhum critério na hora de divisão dos times, ou seja, os integrantes iam chegando e se adequando aos outros encontrados em quadra. Normalmente, os critérios para se incluir no jogo ao chegar eram ou para equilibrar o número de integrantes para cada lado ou o número de homens para cada time. Ao que me parece, este tipo de jogo estaria próximo ao modo de encarar o esporte dos grupos investigados por Stigger (2002) quando considera que “os integrantes dos grupos visam obter um nível ótimo de tensão-excitação, o que faz com que os jogos aconteçam dentro de uma tensão agradável” (STIGGER, 2002, p.186). Nesses momentos, as características são mais relacionadas aos conceitos de “esporte-lazer”, tendo uma menor preocupação com o resultado do jogo. Mesmo que a presença de alguns estaria pautada no interesse de treinar suas habilidades para as competições posteriores, sob um ponto de vista geral, todos estariam jogando buscando o divertimento e do prazer do jogo.

Nestes momentos iniciais, de início não havia placar. Todavia, quando ingressavam nove indivíduos para cada lado normalmente a contagem era iniciada. Risos, brincadeiras com os erros dos colegas, uma fraca valorização e baixa repercussão do resultado eram as principais características deste ‘jogo sem critério de divisão de times’. Essa relação com o resultado é semelhante aos grupos investigado de Stigger (2002), onde os participantes dos grupos estudados não negam se esforçarem para obter resultados (vencer as partidas), mas isto ficaria confinado ao período em que estão desenvolvendo os jogos, sem que haja qualquer repercussão relativa ao que acontece em períodos anteriores e posteriores às atividades. É importante salientar que no estudo citado, o autor mostra que os grupos vivenciavam o esporte sempre desta maneira, enquanto que nos grupos que investiguei, outros significados para o esporte também foram encontrados.

Em um segundo momento, onde poderia dizer que a Gangorra de Silveira (2008) estaria em equilíbrio em meus grupos investigados, apresento o que denominei em meus diários como o jogo ‘com critério de

divisão de times'. Este ocorre principalmente anteriormente às competições, com o objetivo de preparar os jogadores para o jogo competitivo. Nos horários semanais, ocorre anteriormente às partidas no Ramiro Souto, no momento destinado aos integrantes que competem ou ao final dos treinos no Ararigbóia, após uma combinação prévia com a professora. Dentre as atitudes comuns deste jogo, destaco o costume de escalar os jogadores de acordo com a qualidade técnica:

José e Vera são quem escalam o time. Praticamente todos parecem respeitá-los. Eles levam em consideração o tamanho das pessoas, sexo e qualidade técnica para posicioná-los em quadra. José dá muitas orientações a respeito de como agir em quadra. Em meio ao jogo, Vera fica de fora e 'dá ordens' como se fosse uma técnica ao lado da quadra (Diário de campo – 17/05/2013).

Além desta última, há aspectos importantes como algumas dicas e até orientações de alguns integrantes para os outros companheiros. Uma fala que demonstra o significado para os participantes desse jogo pré-competição ocorreu em um almoço festivo no Ararigbóia (Diário de Campo – 19/04/2013) onde um casal relata não treinar no Ramiro por ser contramão, assim jogando somente no Ararigbóia. Entretanto, eles vão ao Ramiro somente quando há treino pré-competição. Portanto, mesmo que seja contramão, esse jogo pré-competição tem 'algo a mais'<sup>18</sup> que faz eles se deslocarem uma distância um pouco maior. Além disso, dentro de quadra também podemos observar alguns aspectos que nos fazem pensar que este tipo de jogo tem uma conotação de maior importância frente aos participantes. Como exemplo, trago o que presenciei no Parque Ararigbóia quando observei uma atenção e seriedade maior por parte dos participantes, quando começaram a jogar o jogo com essa determinada divisão: "após a divisão dos times os erros já não geram mais sorrisos. O jogo parece mais tenso, há até um silêncio no ginásio" (Diário de Campo - 03/05/2013).

---

<sup>18</sup> Poderíamos sugerir como 'algo a mais' a excitação do jogo ser mais 'interessante' ou o fato de manter-se presente em alguns momentos para manter-se ativo no time. Entretanto, sem comprovação evidente.

Essas minhas interpretações também foram encontradas quando, ao entrevistar João perguntando sobre a rotina do câmbio, ele explica: “em si a rotina dos treinos se desenrola mais num clima de lazer, de brincadeira. Agora quando ta assim numa véspera de competição, o pessoal se organiza melhor” (Entrevista, 27/09/2013). Estas frases demonstram o que observei e interpretei em minhas primeiras idas a campo, colocando que havia uma diferença quando os times eram divididos ou quando simplesmente jogavam sem essa tal divisão. Com isso, percebe-se que a divisão dos times durante o treino de acordo com a equipe que irá jogar no próximo campeonato, estimula o aparecimento de conceitos relacionados ao “esporte-rendimento”.

Além destes, um terceiro momento se destaca por ter os aspectos de esporte-rendimento em mais destaque na gangorra citada anteriormente. Estes seriam os jogos muitas vezes denominados ‘de integração’ de idosos, que são compostos de jogos amistosos ou torneios competitivos entre equipes de câmbio da região metropolitana de Porto Alegre e Interior do estado do Rio Grande do Sul. Dentre as principais características, poderíamos colocar o fato de haver uma concentração maior em relação aos outros dois momentos citados anteriormente. Isso ocorre, possivelmente, devido a todos os fatores que envolvem uma competição como a presença de placar, juiz e muitas vezes fase eliminatória estarem presentes. Além disso, o fato de haver um adversário ‘de fora’, um oponente, é um fator que pode fazer que os aspectos relacionados à competição se destaquem. Segundo Devidé (2003), o fato de haver uma comparação de desempenho a um padrão, normalmente do seu oponente, e o fato de estar sendo avaliado por terceiros são características da competição.

Uma das explicações para tal, pode ser baseada na afirmação de Guay<sup>19</sup> (*apud* STIGGER, 2002) quando comenta que no esporte podem estar inseridos não somente interesses materiais, mas aspectos relacionados ao prestígio pessoal e de grupo. Desta forma, o fato de estar sendo analisado e observado poderia ser um fator que influenciava em um

---

<sup>19</sup> GUAY, D. La culture sportive. Paris, Presse Universitaires de France. 1993.



maior nervosismo anteriormente às partidas, uma maior concentração, o silêncio e uma maior valorização e repercussão dos resultados nestes momentos. Exemplifico esta última explicando que, quando ao chegar aos treinos após as competições, os objetos de valor simbólico relacionados às vitórias como medalhas e troféus sempre apareceram na mão e peito dos participantes que os mostravam com orgulho. Além disso, ao final do primeiro dia de uma competição realizada no SESC<sup>20</sup>, através de uma mensagem de celular pergunto para a Vera se realmente vai haver competição no próximo dia, devido a chuva. Prontamente a mensagem respondida é a seguinte: “sim, lá é coberto... e hoje fomos ouro”. Essa mensagem traz a valorização do resultado, mesmo quando os idosos não são perguntados a respeito, o tema fica presente.

Outra característica importante desses jogos competitivos é uma maior tensão do jogo. Como exemplo, trago uma situação do campeonato realizado na cidade de Gravataí, na região metropolitana de Porto Alegre onde Fernando, um iniciante do Ramiro Souto que ingressava em um campeonato pela primeira vez comenta sobre o dia de competição “queira ou não queira o cara fica nervoso, a pressão aumenta” (Diário de Campo – 29/08/2013). Contudo, essas emoções não ficam reservadas apenas para os novos integrantes. O nervosismo também esteve presente constantemente nas falas dos participantes mais experientes. Relatos como “hoje nem fiquei nervosa” (Bruna – Diário de campo - 04/05/2013), se referindo ao fato de não ir jogar devido à categoria<sup>21</sup> e atividades como ler jornal “para relaxar” (João – Diário de Campo - 04/05/2013) são apenas exemplos da constante tensão que os praticantes transpareciam durante os campeonatos.

Após toda essa explicação dos diferentes momentos que presenciei no câmbio, trago outros estudos que constatarem essa diferença entre o jogar lúdico e o jogar competitivo. No primeiro deles (SILVEIRA e STIGGER, 2007), é relatado que nos jogos de bocha da Soreal, nos treinos havia aquele clima de diversão, de amizade e em dias de competição a

---

<sup>20</sup> A competição em questão teve duração de dois dias

<sup>21</sup> Mesmo não podendo jogar devido à idade, Bruna foi junto com os amigos para prestigiar os jogos amistosos.

seriedade tomava conta. Esse relato se encaixa nas observações realizadas no câmbio onde nos treinos, principalmente sem divisão específica de times, o clima é de muita amizade e descontração, enquanto que nas competições, como expliquei anteriormente, ocorre um determinado silêncio devido tamanha concentração e nervosismo por parte dos participantes. Stigger (2002), em seu estudo, afirmou que nos grupos investigados, não havia repercussões posteriores dos resultados. Em nossos grupos o jogo que ocorre nos locais de treino, sem o significado de divisão de times, possui repercussões posteriores mínimas. Entretanto, percebo os jogos que ocorrem em campeonatos possuem um aspecto mais relevante, gerando muitos comentários à respeito das vitórias, formas que o jogo foi jogado e, até mesmo, comentários sobre os outros jogadores, à respeito de sua manutenção no time<sup>22</sup>.

Além do que denomino de ‘critério de divisão de times’, há mais elementos<sup>23</sup> que podem influenciar de modo que essa gangorra possa variar. Um dos mais importantes é a presença do placar que gera uma relevância maior ao jogo e, caso ele esteja mais “apertado”, o jogo se dá de uma maneira mais interessante. Entretanto, o placar é um elemento que influencia em qualquer tipo de jogo, seja ele mais voltado para a competição ou não. Stigger (2002) cita que as lógicas nos grupos investigados eram pautadas pelo equilíbrio entre os oponentes e pelo resultado esportivo. Isso vai ao encontro do que observei em uma competição do SESC (14/08/2013), quando Débora cita após a partida que o Sem Limite ganhou na semi-final, com um placar elástico: “foi bom né... foi bom... ah nem foi tão bom assim bom é quando dá assim pertinho” (Diário de Campo – 14/08/2013)” se referindo ao placar justo. Dessa forma, o sorriso em seu rosto explicado pela vaga na final relacionado à lógica do resultado esportivo poderia ser ainda maior, caso o placar não fosse tão elástico, relacionando com a lógica de equilíbrio e igualdade. Sob outro ponto de vista, Lúcia (Diário de Campo 04/05/2013) leva o próprio placar para os jogos amistoso em Dois Irmãos, demonstrando que para esta integrante este objeto parece ser uma ferramenta importante.

---

<sup>22</sup> Comentarei mais a respeito deste tema no próximo tópico do trabalho.

<sup>23</sup> Alguns já comentados anteriormente

Outros fatores podem contribuir para o aparecimento de aspectos relacionados ao esporte-rendimento, principalmente no que cabe a jogos com equipes de outros locais. Dentre eles, podemos destacar o chaveamento (o mata-mata), a presença de elementos simbólicos como troféus e medalhas bem como as rivalidades. Nos jogos de Dois Irmãos, presenciei muita decepção por parte dos idosos principalmente por parte de Giovana, se referindo ao chaveamento.

Há muita reclamação a respeito dos poucos jogos, da espera e também pelo motivo de que não haverá cruzamento de equipes. Neste mesmo dia, me recordo da fala de Giovana, referindo-se ao mata-mata: “é esse cruzamento depois que estimula a gente” (Diário de Campo – 04/05/2013).

Medalhas e troféus considerados elementos simbólicos que estimulam e valorizam o ‘esporte voltado para os outros’ também elevam o lado de esporte-rendimento da gangorra. A presença deste é sempre questionada quando o assunto dos treinos trata-se do próximo campeonato. Além disso, o gesto de mostrar a medalha e o troféu após uma conquista foi observado diversas vezes nos treinos após algumas competições. Por fim, a rivalidade é um elemento que alimenta ainda mais os aspectos de esporte-rendimento da gangorra. Durante as partidas contra o time rival, independente da etapa da competição, o jogo é sempre aguardado com muita ansiedade e durante o jogo a tensão se faz mais presente comparado a outros jogos competitivos. Os jogos contra o rival costumam ter repercussões anteriores e posteriores de maior expressão, comparando com os jogos com outros adversários. Para retratar conotação relevante da rivalidade nos aspectos de esporte-rendimento, trago a frase de uma jogadora comentando que, apesar de não terem ficado em primeiro lugar na competição que foram, haviam ganhado do rival: “ganhar do Silva foi a nossa medalha de ouro” (TEREZA, 28/06/2013).

Para contextualizar a gangorra citada anteriormente em meu estudo e a forma como alguns aspectos podem modificá-la (neste caso o placar), trago o recorte de um diário de campo, realizado em um treino, quando escrevi após jogar junto com os praticantes um jogo inicial sem divisão pré-estabelecida de times:

Com o decorrer do jogo, como participei de todos os jogos, pude perceber a tensão das partidas. Pude perceber que, mesmo com a presença do placar, não chegava perto da tensão daquele jogo com significado pré-competição do outro dia e, muito menos, de um jogo em uma competição. Entretanto, o jogo se tornava mais interessante próximo ao final, sempre quando o placar estava 'acirrado'. Nesses momentos as situações de tensão esboçavam aparecer (Diário de campo – 26/07/2013).

Dessa forma, podemos considerar que em meu estudo, ao que parece, os grupos não podem ser considerados semelhantes aos de Stigger (2002) quando investigou grupos de futebol e voleibol em Portugal e encontrou aspectos semelhantes aos de esporte-lazer. Os grupos investigados também não podem ser considerados parecidos com os de Mysky (2011) quando ao que parece, o esporte é levado muito mais a sério. Se fosse para considerar um grupo semelhante aos nossos frente aos aspectos relacionados ao esporte, poderíamos colocar o já citado grupo de futsal feminino investigado por Silveira (2008), pois segundo a autora, os aspectos ficam em constante movimento de acordo com a gangorra, tendo ora momentos em que os conceitos de lazer ficam em destaque, ora momentos em que os conceitos de rendimento se fazem mais presentes.

## 7.2 O CÂMBIO VISTO 'POR DENTRO': A 'GANGORRA DOS PARTICIPANTES'

Apesar de nos grupos investigados, sob uma visão mais ampla, o grupo inteiro se adequar às situações onde os aspectos de esporte-rendimento e esporte-lazer estão mais ou menos presentes, podemos considerar que somente isso não estabelece a forma como cada um encara a prática do esporte. Além de todos esses fatores, podemos observar que frente a um mesmo momento, os idosos vivenciam de diferentes formas tal situação.

Poderia, sendo ousado em minha idéia, sugerir uma 'gangorra dos participantes' onde alguns integrantes vivenciam na maioria dos momentos, mesmo em situações onde o resultado do jogo não parece ser a maior das

intenções, aspectos relacionados ao esporte-rendimento. Em contrapartida, podemos perceber que mesmo em situações competitivas, onde há uma comparação com o oponente e avaliação de terceiros, alguns integrantes não encaram o momento de uma maneira tão tensa, se divertindo ao jogar. Podemos ter como exemplo um fato ocorrido no Ararigbóia (Diário de Campo – 14/06/1013) quando após cada ponto perdido por erros da sua equipe, Lúcia ficava séria, com um fisionomia ‘inconformada’. Após os mesmos erros, observei Inácio (da mesma equipe de Lúcia) que sorria, gozava daquela situação. É importante afirmar que neste momento era um jogo apenas por jogar, sem critérios de divisão de equipes. Em uma outra data, desta vez no Ramiro Souto (Diário de Campo – 20/04/2013), a mesma Lúcia não retorna para a quadra após a pausa para a água. Ela comenta apenas para mim que “o pessoal não tem que ir ali pra conversar”, que eles “Não levam a sério” e por fim, indaga-me: “Por que não marcam um horário para conversar no shopping?” (Diário de Campo – 20/04/2013). Desta forma, demonstra que mesmo em uma situação sem uma divisão pré-estabelecida de times, ela permanece com um sentimento de ‘levar a sério’ o jogo.

Dentro desta mesma lógica, trago outra situação semelhante com participantes diferentes, desta vez ocorrida em um campeonato na ASAPEG, cidade de Gravataí:

O Sem limite perde uma partida para o Amizade. Após a derrota, percebo duas visões distintas sobre o jogo: Tereza cita que “alguém tem que perder para o outro poder ganhar e complementa: “tem gente que fica se escabelando”. Percebo que ela, apesar de não estar contente com o resultado, o aceita sem maiores problemas. Ao contrário, Giovana parecia estar com os olhos cheios de lágrimas e reclamava demais com a arbitragem sobre um lance. Ela estava realmente inconformada. (Diário de Campo – 29/08/2013)

Desta forma, podemos considerar que os indivíduos vivenciam e tratam a valorização do resultado do jogo de uma maneira distinta. Isso vai ao encontro com o estudo de Stigger (2002) onde encontrou em seus grupos investigados indivíduos que atribuíam um valor maior aos resultados comparados com outros integrantes do grupo. De uma maneira

geral, as situações encontradas acima ficam de acordo com a idéia de Stigger (2005) quando defende que “uma mesma prática esportiva possa ser realizada por diferentes indivíduos e grupos, que podem dela se apropriar de várias formas, atribuindo-lhes significados diversos” (STIGGER, 2005, p.76). Dessa forma, podemos perceber que essa gangorra do esporte pode ser vivenciada de diferentes formas em um mesmo momento, devido às características e perfil de cada indivíduo e a maneira como cada um encara o jogo, a competição, o câmbio.

## 8. O CÂMBIO E A SAÚDE DOS IDOSOS

Os benefícios da atividade física de maneira moderada para idosos já estão claros na literatura. Entretanto, a relação entre saúde<sup>24</sup> e esporte-rendimento costuma gerar polêmica e algumas controvérsias por parte de autores (FARIA JUNIOR E SANTOS, 2011; SBME, 2001). Mesmo os grupos investigados podendo ser considerados de equipes amadoras e de esporte adaptado para idosos, nos momentos em que presenciei os conceitos de esporte rendimento mais presentes, pude perceber algumas situações as quais a prática esportiva poderia ir ao encontro de alguma vertente do conceito de saúde, fugindo um pouco dos objetivos principais da adaptação do esporte.

Uma das questões que me inquietou durante o período de investigação foi o fato de, no universo do câmbio, perceber que a maioria das organizações dos jogos entre equipes distintas, alegando a busca da integração, muitas vezes promove jogos somente de caráter amistoso<sup>25</sup> visando preservar a saúde dos atletas. Em contrapartida, há campeonatos realizados com um caráter mais competitivo, estimulando o resultado com chaveamentos, medalhas e troféu. Dentro desse contexto, durante o período investigado, questionei-me várias vezes em relação ao fato de o esporte, quando pautado pela competição, poderia contribuir ou ir na contramão da saúde dos praticantes. Com isso, apresento neste tópico as minhas considerações, tanto na perspectiva da saúde física, como mental e social.

### 8.1 SAÚDE FÍSICA X ESPORTE-RENDIMENTO?

Na premissa da perspectiva biológica, as pessoas de idade avançada ao praticarem atividades físicas com regularidade, quando comparadas as de vida ociosa, mostram melhor adaptação orgânica aos esforços físicos, além de maior resistência às doenças e ao estresse

---

<sup>24</sup> Saúde neste tópico parte do conceito sugerido pela OMS de “bem estar físico, mental e social”.

<sup>25</sup> Sem valores simbólicos de resultado como troféus, medalhas e a figura do campeão.

emocional e ambiental (SPIRDUSO, 2005). A documentação científica demonstra que a atividade física regular reduz a mortalidade geral e cardiovascular. Especificamente em relação ao câmbio, podemos considerar que ele, dentre outras variáveis, auxilia na manutenção e desenvolvimento de diversas capacidades como a cardiorrespiratória, força, equilíbrio e agilidade as quais são fundamentais para a manutenção da independência e autonomia para idosos.

Segundo o posicionamento oficial da sociedade brasileira de medicina do esporte (2001) sobre esporte competitivo<sup>26</sup> acima de 35 anos, o exercício não precisa ter caráter competitivo para proporcionar benefícios de saúde. Entretanto, serve de estímulo para realizá-los com intensidade mais alta, com maiores ganhos em termos de saúde e também podendo auxiliar a assegurar uma maior regularidade na prática. De certa forma, a intensidade no câmbio estaria difícil de ser quantificada. Em contrapartida, era comum durante o período de investigação ouvir relatos de estarem no treino tendo em vista melhorar as suas habilidades para a competição posterior.

Além disso, na busca de minimizar possíveis lesões que possam ocorrer em decorrência do esporte, muitos dos idosos investigados possuem uma atividade física complementar aos vários treinos de câmbio na semana. Podemos ter como exemplo o caso de Anita que na ida para o evento de Dois Irmãos (Diário de Campo - 04/05/2013) me relata fazer outras atividades, pois sabe do risco de lesão e que tem que preparar o corpo para jogar. Deste modo, além de passarem vários dias da semana se movimentando e obtendo benefícios através do esporte adaptado, os aspectos relacionados ao esporte-rendimento podem proporcionar um estímulo para que haja a inserção de outros tipos de atividade física.

Em contrapartida, o esporte-rendimento em indivíduos idosos pode trazer uma série de problemas. Faria Junior e Santos (2011) não julgam recomendáveis as atividades competitivas para a maioria das pessoas

---

<sup>26</sup> Mesmo este posicionamento ser referente ao esporte máster e não ao adaptado, julguei que iria contribuir com o trabalho visto que há pouca literatura referente aos esportes adaptados.



idosas, ainda que consideradas adaptadas. Estes mesmos autores destacam que:

Situações competitivas aumentam o potencial de risco pessoal inerente à própria atividade física, que não deve ser negligenciado, e que, em se tratando de idosos, estes riscos se apresentam exponenciados, dadas às características que marcam esta fase da vida (FARIA JUNIOR E SANTOS, 2011, p.100).

Essas falas do autor me remetem a pensar que o esporte-rendimento nesta faixa etária seria algo a ser abolido. Em minhas observações não vejo desta forma, entretanto trago algumas reflexões onde o esporte-rendimento atua em uma perspectiva negativa frente ao processo do envelhecimento.

Na primeira delas, trago o fato de, em alguns momentos, determinados idosos descumprirem ordens médicas de não jogar devido a certos problemas de saúde. Como exemplo, cito o caso de Francisco o qual observei nos intervalos dos jogos realizados no SESC (Diário de Campo 23/05/2013) passando *spray* na panturrilha e região da coluna lombar. Além disso, ele relata-me estar jogando 'dopado' a base de remédios por causa da dor; quando pergunto se está liberado pelo médico ele me diz que não. Além deste caso específico, trago o caso de Bento que, mesmo estando com uma lesão importante no ombro, não podendo levantar o braço acima do ângulo de 90°, estava presente em quadra jogando (Diário de Campo 29/08/2013). Essas observações são semelhantes ao que Stigger (2002) encontrou em sua tese, quando indivíduos com problemas cardíacos ou com dores constantes, continuavam a jogar nos grupos investigados.

Além destes casos específicos, um tipo de lesão comum vem ocorrendo entre os praticantes do câmbio. Na busca do ponto durante o jogo, uma das estratégias é a utilização da força para colocar a bola no chão da quadra adversária. Para impedir o ponto adversário, muitos idosos acabam ao tentar agarrar a bola, gerando lesões nos dedos. Mesmo com os dedos lesionados muitas vezes alguns praticantes, não obedecendo ordens médicas, continuavam participando dos jogos e campeonatos.

Por fim, o estímulo à competição pode provocar um aumento no risco de quedas nos indivíduos durante as partidas. Este é um dos fatores relatados por Aparecida a ter se afastado do câmbio durante um ano. Após esse ocorrido, ela comenta que não quer mais competir e estava no evento só por que estava faltando gente. Ela diz: “agora só quero brincar, me divertir” (Diário de Campo 23/05/2013).

Além deste caso, outras falas nos mostram essa relação de que nas competições a saúde física ficaria em ‘segundo plano’. Na primeira delas, Tereza, quando questionada sobre a relação do câmbio na sua saúde, comenta: “Quando o saque é muito forte ‘nos treinos’<sup>27</sup> a gente tem que se cuidar, ou não pega... pra não se machucar... os dedos” (TEREZA, ENTREVISTA – 27/09/2013) dando a entender que em competições, provavelmente ela iria na bola deixando de ‘se cuidar’. Essa constatação de que nos treinos a atividade seria mais saudável é encontrada também nas falas de João: “Nos treinos elas interferem de uma maneira benéfica” (João, Entrevista – 27/09/2013).

A partir destas falas, podemos fazer uma relação importante. Nos comentários dos três sujeitos, podemos perceber uma conotação de que, nos treinos, onde os aspectos relacionados ao esporte-rendimento não ficam tão em evidência, os benefícios seriam maiores para a saúde em relação às competições. Além disso, no caso de Aparecida ela nos remete a pensar que o “brincar e se divertir” só seria possível durante os treinos, longe das competições.

Dessa forma, através de minhas observações e entrevistas, verifiquei que os aspectos relacionados ao esporte-rendimento podem contribuir para o bem-estar físico dos indivíduos. Entretanto, em alguns casos a competição pode estimular o idoso a ultrapassar os seus limites, gerando alguns problemas físicos e agravando lesões. No próximo tópico, ressalto os aspectos referentes ao estímulo do esporte rendimento frente ao bem estar psicológico e social.

---

<sup>27</sup> O grifo foi utilizado, pois a participante, durante a entrevista, ao citar “nos treinos” utiliza um tom de voz para enfatizar esta palavra.

## 8.2 ASPECTOS PSICOSSOCIAIS X ESPORTE-RENDIMENTO?

Além de visar benefícios físicos para a saúde física dos idosos, a adaptação do esporte estudado também teve por objetivo reinserir o idoso na sociedade, visando maior interação com os outros, melhorando o estado psicológico e social do indivíduo. De uma forma geral, nos grupos investigados o esporte possui uma conotação positiva frente às variáveis psicológicas e sociais do idoso. É quase que consenso dentro dos grupos investigados que, o fato de estar fora de casa, inserido na sociedade, possui relevância para a saúde dos indivíduos. Giovana quando perguntada sobre a influência do câmbio na sua saúde, responde: “Tu não precisa ir no psicólogo, terapeuta. Isso já faz uma terapia só pela sociabilidade que dá né” (ENTREVISTA, 27/09/2013).

Entretanto, com a evolução do esporte para uma conotação mais competitiva, me questionei muito em relação ao bem estar psicológico e social do participantes, tanto aos que vão às competições devido ao alto nível de stress bem como o que, de certa forma, fica sem vaga no time que compete devido ao seu baixo nível de habilidade técnica.

Partindo do objetivo inicial da adaptação do esporte o qual seria “reduzir a intensidade e oportunizar a participação até mesmo daqueles que não se consideram aptos a jogar” (BLESSMANN, 2007, p.148), algumas questões me inquietaram no decorrer da investigação. De certa forma, quando tratamos de jogos no decorrer dos treinos, independente se há divisão pré-estabelecida de times ou não, ocorre sempre a inclusão dos participantes independente de suas limitações. Entretanto, para as partidas de campeonatos onde os aspectos de esporte-rendimento ficam em maior evidência, o nível técnico e uma afinidade maior com os líderes de cada equipe, ao que parece, se tornam os critérios para a escolha dos jogadores. Para contextualizar essa temática, Azevedo e Filho (2011) colocam que a competição inerente aos esportes de rendimento não trabalharia em favor dos propósitos generosos da inclusão e da igualdade. Trago como exemplo o ocorrido no dia 19/06/2013, quando em um treino com poucos integrantes surge o assunto de uma competição que seria realizada na cidade de Erechim. Após Débora sair do treino cedo, Vera diz que não irá por não ter

sido convidada<sup>28</sup>, o que é motivo de comentário de Violeta: “é, se não teve competência para ir” (Diário de Campo – 19/06/2013). Esse fato demonstra que ser competente é um fator importante para a ‘escolha’ de quem irá jogar nos campeonatos. Além disso, contextualizo com o que foi observado no torneio amistoso de Dois irmãos onde após uma derrota do time ‘Sem Limite’ devido a vários erros de Amélia, ouço o seguinte relato de outra jogadora: “ela não pode competir, ela fica nervosa, só ela entregou seis pontos” (GIOVANA, 23/05/2013). No outro jogo da mesma competição foi possível perceber que enquanto a equipe ‘Sem Limite’ vencida facilmente, Amélia ficou isolada do lado de fora da quadra assistindo a partida. Além disso, após este acontecimento observei poucas vezes a presença dela nos treinos no Ararigóia e em competições<sup>29</sup>. Por fim, o rendimento também fica em evidência na entrevista realizada com João, quando perguntando o que um companheiro precisa ter para entrar e se manter no time:

Depois que começou a jogar isso aí, começou a assumir característica de disputa né. Então se espera alguém que já tenha noção pra acompanhar o nosso ritmo, que tenha alguma habilidade, que tenha dedicação, que se esforce e que siga as normas do grupo e, isso aí, esse tipo de convívio é que vai gerar um grupo mais fechado. (ENTREVISTA, 27/09/2013)

Na resposta acima, podemos perceber que o participante faz uma relação direta entre o fato de o esporte ter uma característica de disputa, e associa com o rendimento do companheiro. De certa forma, o que é encontrado no câmbio também foi encontrado no trabalho de Silveira (2008) onde comenta em sua etnografia que, em seu grupo de futsal feminino investigado, o rendimento esportivo é um fato que exclui algumas praticantes do time.

Desta forma, percebo que os aspectos relacionados ao esporte-rendimento, como a busca pelo resultado, não estariam contribuindo para a inserção ou manutenção dos indivíduos em seus grupos. Dessa maneira, estaria indo contra a lógica do bem estar psicológico e social daquele

---

<sup>28</sup> Convidada pelas lideranças, dentre elas Vera.

<sup>29</sup> Não posso relatar que a saída dela dos treinos e competições se estabeleceu por este motivo, entretanto em minhas observações não há outros indícios para tal.

indivíduo, o excluindo de atividades grupais com pessoas da própria geração que, segundo Deps (2009) favorecem o bem-estar, pois facilita a emergência de significados comuns e a maior aproximação interpessoal, permitindo a libertação de sentimentos guardados. Além disso, a atividade contribuiria para que o indivíduo pudesse desfrutar de um possível “sentimento de significado” (DEPS, 2009, p.60) que o esporte poderia inserir em sua vida. Esse sentimento é de extrema importância para pessoas idosas devido às modificações na estrutura familiar bem como a chegada da aposentadoria e perda de status perante a sociedade como o decorrer da idade.

Além da perspectiva relacionada à inclusão, Em entrevista com Vera, líder do grupo Ramiro Souto, posso destacar os aspectos competitivos com uma conotação negativa no depoimento dela:

Eu no início era muito competitiva. Eu pensava só em competir, competir. Mas agora to mudando de opinião. To achando que esse lado competitivo em vez de ajudar a gente, ta desgastando. To preferindo ser mais leve, mais maleável (...) aceitar as derrotas. (VERA, ENTREVISTA, 27/09/2013)

De outra forma, quando perguntei como o câmbio poderia interferir em sua saúde, Vera responde:

Olha. As competições na minha saúde as vezes ela me prejudica. Tem dias quando eu volto das competições eu volto assim “moída”, estressada porque na verdade além de jogar eu vou como coordenadora do grupo. Aí sobrecarrega. Eu tenho que jogar, tenho que cuidar de todo o resto. Isso aí me estressa muito. Eu chego em casa tenho que tomar um relaxante, tenho que descansar porque to bem ‘moída’ mesmo. (VERA, ENTREVISTA, 27/09/2013)

Com isso, poderíamos observar que além de possíveis exclusões de participantes, os aspectos relacionados ao rendimento esportivo teriam uma conotação de desgaste e cansaço psicológico frente a esta participante. Nesse caso particular, ela é a líder do grupo e, além de jogar, tem mais afazeres do que os demais, aspecto que ‘agrava’ a sua situação.

Sob outro ponto de vista, não podemos desmerecer a conotação positiva frente ao bem-estar psicológico e social que a adaptação do esporte proporciona para os participantes. Primeiramente, voltando a lógica da inclusão, devemos destacar a importância da adaptação do esporte mesmo para aqueles que não costumam ser “escolhidos” para jogarem as competições. Trago isso visto que estes, mesmo não competindo desfrutam dos momentos dos treinos onde a gangorra do esporte volta-se mais na ótica do lazer. Além disso, é importante destacar que em minhas observações não investiguei de forma tão importante muitos dos idosos que não competiam, principalmente no parque Ramiro Souto. Desta forma, não posso dar clareza dos reais interesses de jogar o câmbio de maneira competitiva, por parte destes.

Entretanto, para os integrantes que participam das competições, esses valores voltados ao esporte-rendimento também podem ter uma conotação positiva frente aos aspectos psicológicos e sociais no envelhecimento de cada um. Primeiramente, podemos citar que o estímulo à prática esportiva, o que também pode ser visto de maneira benéfica para os participantes. Segundo Deps (2009), atividades grupais são importantes por estarem associadas a baixos níveis de estresse e depressão. Baseando-me nisso, coloco que momentos como a integração do grupo em viagens para jogos, como brincadeiras no ônibus e almoços em outras cidades, não seriam possíveis caso não houvesse o estímulo da competição. Além disso, o universo do câmbio compõe-se de diversas equipes de diversos lugares do estado. Recordo-me do relato de uma senhora, também em Dois Irmãos (Diário de Campo 04/05/2013), se referindo ao ‘lado bom do câmbio’ o fato de, mesmo não saber o nome da pessoa do outro time, ‘tu já reconhece de outros jogos e a cumprimenta como se fosse uma grande amiga’. ‘Há um clima de amizade nesses jogos’. Sendo assim, posso destacar que este estímulo à competição, de certo modo, propõe aos idosos uma integração, não somente dentro de seu grupo, mas com outros grupos de idosos, aumentando a rede de sociabilidade dos indivíduos.

Sob outro ponto de vista, os aspectos relacionados ao esporte-rendimento podem ter uma conotação positiva para o bem estar psicológico e mental do participante. O fato de haver medalhas, troféus e chaveamento, como comentei anteriormente, provoca esse estímulo maior à competição, mas também à simples prática da modalidade. Esses elementos possuem valores simbólicos e certamente representam algum significado para os participantes. Mesmo não obtendo os prêmios, o fato é que para Deps (2009), quando refere-se ao aumento da expectativa de vida mundial, cita a importância de haver um significado para a existência, visto que “garantir anos à vida, sem garantir à mesma algum significado, não é a melhor resposta para o desafio do envelhecimento” (DEPS, 2009.p.58). Dessa forma, para os idosos que competem e participam dos eventos, os aspectos relacionados ao esporte-rendimento teriam uma conotação positiva frente à melhora do bem estar psicológico e social, atribuindo à suas vidas, um novo significado.

Com isso, percebo que a adaptação do câmbio funciona de maneira positiva frente aos aspectos psicossociais dos indivíduos quando os aspectos relacionados ao esporte encontram-se voltados para uma perspectiva de lazer. Quando os aspectos relacionados à competição ficam mais presentes, devemos ter mais cuidado tendo em vista que, em certos momentos e para alguns indivíduos, pode não contribuir para o bem estar psicológico e social do participante.

### 8.3 O CÂMBIO E A SAÚDE DO IDOSO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante considerar que, quando os momentos onde o esporte-lazer estiveram evidentes, poucos foram os pontos de vista negativos sobre o esporte dentro da perspectiva da saúde. Entretanto, quando tratamos de esporte-rendimento e saúde trago que frente a esta relação seria praticamente impossível de haver uma norma a ser seguida dentro de grupos investigados. Isso ocorre devido o fato de o conceito de saúde ver o indivíduo de uma forma muito ampla, através do bem estar físico, psicológico

e social e, além disso, dentro dos grupos investigados as formas de encarar o esporte serem distintas.

Um dos motivos aos quais seria difícil de haver uma norma frente a esta problemática, é o conceito de saúde utilizado. Dessa forma, o indivíduo pode, ao cuidar de sua saúde psicológica e social, acabar por deixar o bem-estar físico de lado. Como exemplo, utilizo o caso de Francisco que, apesar de a competição exigir mais do que seu corpo 'aguenta', indo contra o seu bem estar físico, de certa forma o fato de estar inserido em um grupo e praticando o esporte pode ser fundamental para o seu bem estar psicológico e social. Exemplo semelhante foi encontrado nos grupos investigados de Stigger (2002) quando um elemento antes de entrar à quadra trazia diversos materiais que o ajudavam a resistir às dores. Dessa forma, não podemos 'crucificar' estes integrantes com suas atitudes visto que há outros fatores envolvidos os quais lhe proporcionam bem-estar.

Entretanto, o conceito de saúde utilizado não seria o único problema para considerar se o câmbio possui uma conotação positiva ou negativa perante a saúde dos praticantes. Sobre o meu ponto de vista, os grupos investigados são extremamente heterogêneos possuindo visões diferentes frente ao esporte e a forma como lidar com a saúde. Dessa maneira, cada integrante escolhe a forma como 'encara' a modalidade. Trago como exemplo as lesões nos dedos, tão comuns entre os praticantes que, enquanto uns continuavam jogando, outros se distanciavam do grupo para 'se curar'. Sendo assim, os grupos investigados não eram pautados por uma norma a ser seguida frente a esta temática visto que em relação à saúde, as particularidades são imensas. Dessa forma, fica difícil estabelecer se os aspectos relacionados ao esporte-rendimento teriam uma conotação positiva ou negativa frente à saúde dos participantes, pois essa resposta depende das particularidades de cada um e a perspectiva de saúde envolvida.



## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática esportiva vem sendo considerada uma ferramenta importante para minimizar os efeitos negativos e maximizar os aspectos positivos decorrentes do envelhecimento e da aposentadoria. Para estimular a adesão por parte de idosos à prática de esportes surge a modalidade câmbio, uma adaptação do voleibol a qual tem motivado prefeituras, poder público e grupos de idosos a promover amistosos e torneios competitivos. Desta forma, objetivo do trabalho foi conhecer a forma como idosos vivenciam essa prática esportiva, compreendendo como ela se insere na vida dos seus praticantes, e se relaciona com diferentes dimensões relacionadas ao processo de envelhecimento, dentre elas a saúde. Com isso, busco contribuir gerando conhecimentos que interessem aos profissionais de educação física e de outras áreas que atendam ao público idoso. Para tal, foi utilizada a metodologia etnográfica, a qual é composta de observação participante e entrevista. A partir deste trabalho, pudemos compreender como ocorrem as regras do câmbio, a dinâmica dos grupos investigados, como eles vivenciam o esporte e a relação do esporte-rendimento com a saúde.

Em relação às regras, podemos considerar que com a evolução do câmbio para uma característica de disputa, elas demandam de uma atenção especial, visto que muitos quesitos variam de uma competição para a outra, não ficam claros ou não são colocados nas regras do torneio. Desta forma, através de minhas observações verifico que, com a evolução da prática esportiva para um caráter mais competitivo, as regras do câmbio não evoluem na mesma proporção, acompanhando o interesse da maioria dos participantes.

Em relação à dinâmica dos grupos, pudemos observar que os grupos investigados, tanto do parque Ararigóia (Equipe Sem Limite) como as equipes do Parque Ramiro Souto possuem dinâmicas semelhantes e, muitas vezes, parecendo ser um só grupo. Dentre as características principais destaco o fato de os locais de treino serem em praças públicas e a presença dos idosos frente às questões competitivas dos times, muitas vezes aparecendo mais do que o professor.

Em relação à forma de como os grupos investigados vivenciam o esporte foi observado que quando os jogos eram disputados nos treinos, a conotação do esporte era mais voltada para o âmbito do lazer. Em um segundo momento, determinados treinos possuíam como objetivo preparar os idosos para as competições, onde havia um critério para a montagem das equipes. Nestes momentos o esporte possuía um caráter mais voltado ao rendimento, mesmo que os aspectos voltados ao esporte-lazer ainda estivessem presentes. Por fim, em jogos competitivos os aspectos relacionados ao esporte-rendimento se faziam mais presentes. Entretanto, essa 'gangorra' não pode ser generalizada para todos os participantes visto que em um mesmo momento, os elementos podem atribuir o seu sentido e significado particular para a prática, podendo fugir da lógica do grupo.

Em relação à saúde, pudemos observar que o câmbio nos momentos em que está pautado pela lógica de esporte-lazer, não haveria menores riscos para a saúde, tanto na ordem física como psicossocial. Entretanto, quando os aspectos relacionados ao esporte-rendimento ficam em destaque, podemos observar que alguns pontos de vista negativos começam a surgir, tanto em relação à saúde física, como psicológica e social. De certa forma, podemos observar que os aspectos competitivos não possuem uma norma em relação à saúde, podendo ser benéfico para alguns integrantes e, em contrapartida, acabar por não contribuir para a saúde de outros.

Frente a todas as problemáticas discutidas neste trabalho, destaco a relevância dos assuntos, principalmente para professores e organizações de eventos que atendam grupos de câmbio e outras modalidades esportivas e competitivas para indivíduos desta faixa etária. Compreender as deficiências das regras, a forma como os idosos vivenciam o esporte e a maneira que a modalidade se insere na saúde dos participantes é de extrema importância para que se possa aprimorar as aulas e eventos para este público.

## 10. APÊNDICES

### APÊNDICE 1: ROTEIRO DE ENTREVISTAS:

1. Qual o seu nome?
2. Qual sua idade?
3. Que atividades físicas e esportivas você pratica? Com que frequência? Como o câmbio se insere nessa rotina?
4. Há quanto tempo pratica câmbio? Onde começou?
5. Por que tu joga câmbio e não outra modalidade?
6. Por que escolheu jogar pelo time que tu joga com as pessoas que tu joga?
7. O que tu acha da forma como funciona a rotina do câmbio? O que poderia ser diferente? Por quê?
8. Após uma partida o que deve ter acontecido para que você tenha considerado “hoje valeu a pena”?
9. De que forma você acha que o câmbio interfere na sua saúde? Por quê?
10. O que te leva a permanecer no câmbio? Que coisas te fazem voltar?

## APENDICE 2: TABELA DE NOMES

Tendo em vista preservar a identidade dos participantes, ao longo do trabalho utilizei a tabela abaixo para a substituição dos nomes originais pelos fictícios:

Nome Original	Nome Fictício
XXXXXXXXX	Ana
XXXXXXXXX	Antônio
XXXXXXXXX	Vera
XXXXXXXXX	Anita
XXXXXXXXX	Lourdes
XXXXXXXXX	Rosa
XXXXXXXXX	Giovana
XXXXXXXXX	Vilma
XXXXXXXXX	José
XXXXXXXXX	João
XXXXXXXXX	Fernando
XXXXXXXXX	Bruna
XXXXXXXXX	Débora
XXXXXXXXX	Lúcia
XXXXXXXXX	Silva
XXXXXXXXX	Inácio
XXXXXXXXX	Tereza
XXXXXXXXX	Francisco
XXXXXXXXX	Aparecida
XXXXXXXXX	Violeta
XXXXXXXXX	Amélia
XXXXXXXXX	Bento

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, L.N.; KYAN, L.; BITENCOURT, B.; WANDERLEY, K. S. Repercussões da aposentadoria na qualidade de vida do idoso. **Revista da escola de enfermagem da USP**, São Paulo, v. 4, n.43. p.796-802, 2009.

AZEVEDO, M.A.O.; FILHO, A.G.; Competitividade e inclusão social por meio do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 589-603, jul./set. 2011.

BARROS, M. L. **Velhice ou terceira idade**: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BLESSMANN, E.J. A sociabilidade e a ludicidade nos jogos esportivos adaptados para idosos. In: STIGGER, M.P.; GONZÁLEZ, F.J.; SILVEIRA, R. (orgs). **O esporte na cidade**. Estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos. Porto Alegre: Editora UFRGS. 2007.

BULLA, L. C.; KAEFER, C. O. Trabalho e aposentadoria: As repercussões sociais na vida do idoso aposentado. **Texto & Contexto Enfermagem**, v.2, p. 34-46, 2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, R (org). **O trabalho do Antropólogo**. 2.ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

COAKLEY, J. **Sport in Society**: Issues and controversies .4th ed. St. Louis: Times Mirror/Mosby College. 1994

DEBERT, G.G.; Gênero envelhecimento. **Estudos Feministas**, Florianópolis: p.33-51, 1994.

DEBERT, G.G. **A reiventação da Velhice**. Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP, 1999.

DEPONTI, R.N.; ACOSTA, M.A.F. Compreensão dos idosos sobre os fatores que influenciam no envelhecimento saudável. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v.15, n.1, p.33-52, 2010.

DEPS, V.L.; Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. In: NERI, A.L. (org.) **Qualidade de vida e idade madura**. 8 ed, Campinas: Papyrus, 2009.

DEVIDE, F. P. Possíveis sentidos da competição: uma reflexão sobre o esporte máster. **Motus Corporis**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p.43-62, nov. 2003.

FARIA JUNIOR, A. G.. Desporto máster: veteranos em Niterói. In: 1º **Encontro da Aslede**, 1 Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas. UFPR –Curitiba: ASLEDE, 2008.

FLOR, I.F. **Associação comunitária do parque Ararigóia**: uma história de protagonismo no âmbito do lazer na cidade de Porto Alegre. 2013. 61f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de educação física, departamento de educação física, UFRGS Porto Alegre. 2012

GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, P. E.; (Org.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

GONZALEZ, F. Sociabilidades e práticas corporais: Leitura de uma relação. In: STIGGER, M.P.; GONZÁLEZ, F.J.; SILVEIRA, R. (orgs). **O esporte na cidade. Estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Editora UFRGS. 2007.

IBGE. **Primeiros resultados definitivos do Censo 2010**: população do Brasil é de 190.755.799 pessoas. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1866&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticia_visualiza.php?id_noticia=1866&id_pagina=1) – Acesso em: 20/06/2013.

LEITE, M.T.; CAPELLARI, V.T.; SONEGO, J.; Mudou, mudou tudo na minha vida: experiências de idosos em grupos de convivência no município de Ijuí/RS. **Revista Eletrônica de Enfermagem** (on-line), v. 4, n. 1, p.18–25, 2002.

MAGNANI, J.G.C.; Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a.15, n.32,p.129-156, jul./dez., 2009.

MAGNANI, J.G.C.; De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.17, n.49, p.11-29, 2002

MARTENS, R. **Competitiveness in sport**. Trabalho apresentado no Internacional Congress os Physical Activity Sciences, Quebec, Canada. 1976

MYSKIW, M; PACHECO, A.C.; FREITAS, “Jogo pegado, é assim que tem que ser”: estudo sobre a seriedade do lazer numa rede de sociabilidade masculina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2011.

OLIVEIRA, R.C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In OLIVEIRA, R.C. (org.). **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2006.

MAGNANI, J.G.C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.17, n.49, p.11-29, 2002.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida**: Conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. 4ª edição, Londrina: Editora Medigraf, 2006.

PACHECO, A. C. “**É lazer, tudo bem, mas é sério**”: o cotidiano de uma equipe feminina máster de voleibol. 2012. 128 f. Dissertação (mestrado) Curso de educação física, departamento de educação física, UFRGS Porto Alegre. 2012

PAPALEO NETTO, M.. e PONTE, J.R. Envelhecimento: desafio na transição do século. In: **M. Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, p.160-173, 1996.

ROCHA, A.L.C.; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. In: Pinto, C.R.J.; GUAZZELLI, C.B. (orgs.). **Ciências humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SILVEIRA, R.; STIGGER, M.P. Espaço de jogo – espaço de envelhecimento: sociabilidade lúdica na sociedade esportiva recanto da alegria. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas**, v.29, n..1 ,p.177-192, set.2007.

SILVEIRA, R. **Esporte, homossexualidade e amizade**. Estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino 2008.156 f. Dissertação (mestrado) Curso de educação física, departamento de educação física, UFRGS Porto Alegre. 2008

SOARES, A.J.G. “Jovens-velhos” esportistas eternamente? **Revista Movimento**. Ano 2, n.3, p.17-26, 1995/2.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA DO ESPORTE. Esporte competitivo em indivíduos acima de 35 anos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v.7, n.3, Mai/Jun, 2001.

SPIRDUSO, W.W. **Dimensões físicas do envelhecimento**. 2ª ed. São Paulo: Manole; 2005.

STIGGER, M.P. Futebol de Veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Revista Movimento**. p.52-66. 1997/2

STIGGER, M.P. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Editora autores associados. 2002.

STIGGER, M.P.; Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. In: STIGGER, M.P.; LOVISOLO, H. (ORGs). **Esporte de rendimento e esporte na escola**: Campinas, SP, Autores Associados, 2009.

STIGGER, M.P. Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo. In: STIGGER, M.P.; GONZÁLEZ, F.J.; SILVEIRA, R. (ORGs). **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2007

STIGGER, M.P. **Educação Física, Esporte e Diversidade**. Autores Associados. Campinas, 2005.

STIGGER, M.P. MELATI, F.; MAZO, J.Z.; Parque Farroupilha: Memórias da constituição de um espaço de lazer em Porto Alegre, Rio Grande do Sul – Brasil. **Revista da Educação Física – UEM**, Maringá, v. 21, n. 1, p. 127-138, 1. trim. 2010

THIESS, G., TSCHIENE, P., NICKEL, H. **Téoria y Metodología de la competición deportiva**. Barcelona: Paidotribo. 2004

UCHÔA, E.; FIRMO, J. O. A.; LIMA-COSTA, M. F. F. Envelhecimento e saúde: experiência e construção cultural. In: MINAYO, M. C.; COIMBRA JÚNIOR, C. E. A. (org.) **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 25-35, 2002.

TUBINO, M. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: EDUEM, 2010.

TUBINO, M.J.G.. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo, Cortez/Autores Associados. 1992.

VELHO, G. Estranhando o familiar. In: NUNES, E.O. (org). **A Aventura sociológica: objetividade, paixão, imprevisto e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zaha, 1978.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D.; **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Trad. Maria Cristina Monteiro. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

ZABALETA, A.S.D. **Velhice e Lazer**. Um olhar etnográfico para um projeto de idosos. 2012. 103 f. Dissertação (mestrado) Curso de educação física, departamento de educação física, UFRGS Porto Alegre. 2012

ZIMERMANN, G.T. **Velhice: aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre. Artmed. 2000



